

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E  
INCLUSÃO SOCIAL

Ana Esperança Futi Bambi Ambrósio

**Um estudo sobre as Representações sociais dos Pais e  
Encarregados de Educação do Colégio Padre Builu em  
Cabinda/Angola - Relação Família Escola**

Belo Horizonte

2014

Ana Esperança Futi Bambi Ambrósio

**Um estudo sobre as Representações sociais dos Pais e Encarregados de Educação do Colégio Padre Builu em Cabinda/Angola - Relação Família Escola**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Conhecimento e Inclusão Social – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Isabel Antunes Rocha

**Linha de Pesquisa:** Psicologia, Psicanálise e Educação.

Belo Horizonte

2014

A496e  
T

Ambrósio, Ana Esperança Futi Bambi, 1976-  
Um estudo sobre as representações sociais dos pais e encarregados de  
educação do Colégio Padre Builu em Cabinda/Angola: relação família escola /  
Ana Esperança Futi Bambi Ambrósio. - Belo Horizonte, 2015.  
88 f., enc., il., color.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

Orientadora: Maria Isabel Antunes Rocha.

Bibliografia: f. 64-67.

Apêndices: f. 68-88.

1. Educação -- Teses. 2. Representações sociais -- Angola -- Teses. 3.  
Sociologia educacional -- Angola -- Teses. 4. Comunidade e escola -- Angola --  
Teses. 5. Lar e escola -- Angola -- Teses. 6. Pais e professores -- Angola --  
Teses. 7. Educação -- Participação dos pais -- Teses. 8. Angola -- Educação --  
Teses.

CDD- 371.103

**Catálogo da Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:  
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

Dissertação intitulada: **Um estudo sobre as Representações sociais de pais e encarregados de educação sobre o Colégio Padre Builu: A relação família - escola em Cabinda/ Angola**, analisada pela banca examinadora constituída pelas seguintes professoras:

---

Profa. Dra. Maria Isabel Antunes-Rocha  
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais  
Orientadora

---

Prof. José Manuel Sita Gomes  
Instituto Superior de Ciências da Educação – Universidade Onze de Novembro  
Examinador Externo

---

Profa. Raquel Martins de Assis  
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais  
Examinadora Interna

---

Prof. Nlandu Balenda  
Instituto Superior de Ciências da Educação – Universidade Onze de Novembro  
Examinador Externo – suplente

---

Profa. Maria Inês Mafra Goulart  
Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais  
Examinadora Interna – suplente

## DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao meu esposo que sempre foi um companheiro, a minha mãe e meus irmãos pelo sustento contínuo, vocês foram nota mil.

A minha filha, Isaana Zoena Ambrósio, minha força, a mamã te ama muito.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força do seu poder capacitação e cuidado constante durante esta jornada.

Agradeço ao meu esposo por ser sempre um companheiro compreensível e sensível, sempre ajudando e me dando forças, pelas noites sem dormir, obrigada amor.

Agradeço a minha mãe, mulher batalhadora, conselheira que sempre me ajudou e encorajou a lutar por aquilo que eu quero.

Meus irmãos vocês foram como pilares nesta obra, me sustentaram sempre que precisei do vosso apoio, considero este ganho o vosso.

Agradeço aos meus pastores da AIP-Cabinda pelo encorajamento constante e irmãos em Cristo, na verdade fostes irmãos de verdade.

A Universidade 11 de Novembro de Cabinda-Angola, por me proporcionarem esta oportunidade, o meu muito obrigado.

Agradeço a professor Sita Gomes por ser como um pai desde o princípio ao fim deste sucesso, sempre estiveste pronto a ouvir a dar um opinião e a ajudar no que foi preciso.

A minha orientadora professora Maria Isabel Antunes Rocha, o que lhe diria diante de tantos dias passados ao seu lado sendo orientada, cuidada e ensinada? Só tenho a conceder-lhe a minha gratidão por ser sempre o que foi nesta jornada, foste mãe, amiga, conselheira, dura sempre que foi preciso afim de melhorar a dinâmica do trabalho. Sua paciência na minha pouca compreensão de conceitos e de organizar as coisa foi como luz nesta dissertação me dava forças para continuar. Obrigada por acreditar em mim.

Imensa gratidão a Faculdade de Educação da UFMG por facilitarem este convênio, aos professores que nunca se cansaram em ajudar-me sempre que precisei; Não

esquecendo ao pessoal da secretaria e Biblioteca (queridas Rosy e Marly) que foram impecáveis na ajuda fornecimento de dados, muito obrigada. Aos professores Júnia Sales, Marcelo, Lalu, Sergio Cirino, Simões, obrigada por tudo. A satisfação especial vai para a turma de Seminário Especializado, a turma R S com a professora Isabel Antunes, bons momentos passei com vocês, levo cada imagem em mim de vocês.

Agradeço a direção do Colégio Padre Builu, professores e a comissão de pais-encarregados por colaborarem e facilitarem este processo.

Um voto de gratidão vai para os meus colegas de Angola aderidos neste primeiro projeto do convênio, Abel, Eurico, Célcio, Célisa, Guilherme, Zinga, Boa, Jeremias, Inês, Sambo, Ndombele, Ngúvulo, Maldonado, Inácio, Silvestre, Juliana, Helena, Selpa, Paka, Julio, Lelo, Hamilton, Gracieth, Kambua, meu querido irmão acadêmico, fostes verdadeiros amigos. Em especial a Albertina, minha comadre Celsa, Ndombele e Chocolate que só Deus sabe o quanto vocês foram valiosos para mim. Não esquecendo dos meus amados colegas do Brasil Oneli, Frei Gilvander, Luciana, Reginaldo, Cristina, Cristiane, o meu muito obrigado.

Entre amigos em Belo Horizonte minha gratidão vai para Vânia Castro e suas filha ao casal Armando e Andréia, mesmo sem me conhecer acolheram-me sem qualquer restrição, um sentimento grandioso guardo em mim por vocês. Deus vos retribua o que fizestes por mim.

## RESUMO

Esse estudo tem como proposta pesquisar as representações sociais dos pais e encarregados de educação do Colégio Padre Builu em Cabinda/Angola - Relação Família Escola. Dadas as pressões contínuas na sociedade, com as alterações na estrutura da organização familiar, interessa-nos saber qual o entendimento que os pais e encarregados de educação têm sobre a escola, principalmente sobre a escola em que seus educandos estão inseridos. Para melhor compreender esta temática apegamo-nos na teoria das representações sociais de (Moscovici, 1961). O posicionamento das famílias relativamente à escola adquire hoje diferentes níveis de entendimento. Esses níveis são fortemente articulados pelas culturas de origem que podem variar, entre outras, pela posição social, pelos níveis de escolaridade obtidos, pelas suas ambições pessoais e pelas expectativas que têm para educação dos filhos. Assim é prática comum as famílias mais favorecidas e com maiores níveis de escolaridade entenderem a escola como um desígnio, uma fase necessária, uma meta que tem de ser alcançada para que os seus educandos possam prosseguir os estudos e continuar a trajetória da família. Mas de maneira geral os pais/encarregados tendem a ver a escola como distante da família, como um espaço onde não exercem sua autoridade. A pesquisa foi desenvolvida numa escola privada ao norte de Angola, província de Cabinda, tendo envolvido a direção da escola, os pais/ encarregados de educação da Comissão de pais e outros encarregados não pertencentes a Comissão. Os dados foram obtidos através de observações das reuniões dos pais/encarregados com a direção do Colégio, análise das atas da Comissão referente aos anos de 2012-2013, entrevista e questionário. Os resultados revelam que o grupo pesquisado apresenta três formas diferenciadas de representar a escola. No primeiro os pais e encarregados mantêm a forma de pensar/sentir sobre a relação com a escola como um espaço distante da família. No segundo os Pais/encarregados que estão alterando a forma de pensar/sentir/agir sobre a relação com a escola. No terceiro os pais/encarregados que já estão conseguindo pensar/sentir/agir com a escola numa relação mais próxima. Para continuidade dos estudos observamos a necessidade de focalizar os estudos também com os pais/encarregados que não participam diretamente de nenhuma atividade que o aproxime da escola.

**Palavras-chave:** Representação social; Pais/encarregados de educação; Escola; Família; Relação família-escola.

## RESUMEM

Este estudio se basa en se señala en las representaciones sociales de los padres a cargo de Padre Builu Facultad de Educación en Cabinda/Angola -Familia de la Escuela de Relaciones. Dadas las continuas presiones de la sociedad, con las alteraciones en la estructura familiar de la organización, estamos interesados en saberlo que el entendimiento de que los padres tutores tienen sobre la escuela, la educación y sobre todo acerca de la escuela, donde se insertan sus estudiantes a entender mejor este tema nos aferramos en la teoría de las representaciones sociales (Moscovici, 1978). La escuela relación familiar com respecto a la escuela hoy conseguir diferentes pesos y niveles de entendimiento que, de conformidad con los intereses de lo que está en juego. Estos intereses están fuertemente arrugados por las culturas de origen puede variar, entre otros, la posición social, por nivel de estudios, por sus ambiciones personales y las expectativas que tienen para la educación de los niños. Esta es una práctica común de las familias más favorecidas entender la escuela como un diseño, , un objetivo que debe alcanzarse para que sus estudiantes puedan continuar sus estudios y elaborar otros objetivos. La investigación se realizó en una escuela privada al norte de Angola, la provincia de Cabinda, e involucró a la junta escolar, los padres /tutores del comité de padres y otros encargados fuera de la comisiones cortando sus líneas en las reuniones con la junta escolar. Los datos fueron obtenidos a través de observaciones de las reuniones de padres encargados de la dirección de la universidad, los informes de análisis y los formularios de inscripción para los años 2012-2013, la encuesta de entrevistas y cuestionarios. Los resultados mues tran que hay tres grupos de carga, donde cada uno de ellos se presenta de una manera independiente de la representación que tienen en la escuela. De los cuales: 1.Los padres que mantiene el pensamiento/sentimiento acerca de la relación con la escuela como un espacio lejano de la familia; 2. Los padres/ tutor es que están cambiando la forma de pensar/ sentir/acto en la relación con la escuela; 3. Los padres/ tutor es que ya están manejando para pensar/sentir/acto con la escuela en una relación más estrecha.

**Palabras-clave:** Representaciones sociales; Padres/ tutores; Escuela; Familia; Las relaciones familia-escuela.

**LISTA DE FIGURAS E TABELAS**

Figura Nº 1 – CABINDA, Angola: Mapa Político-Administrativo.....	24
Figura Nº 2 – ANGOLA – Mapa Político-Administrativo Atual.....	25
Figura Nº 3 - Vista geral da Escola .....	37
Figura Nº 4 - Fotos da Escola .....	86
Figura Nº 5 - Pátio.....	86
Figura Nº 6 - Corredor.....	87
Figura Nº 7- Vista Pelo 1º Andar .....	87
Figura Nº 8 - Vista da Escola Pelo Segundo Andar .....	88
Figura Nº 9 - Pátio com vitrina dos Alunos.....	88

## Conteúdo

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO - 1 .....	15
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO CAMINHO DE LEITURA TEÓRICA.....	15
CAPÍTULO 2 .....	19
RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIACOMO TEMA DE ESTUDO.....	19
2.1 Família .....	19
2.2- Família em Cabinda/Angola.....	22
2. 3 - Escola .....	29
2.4 – A Escola em Cabinda/Angola .....	30
2.4.1 – A Escola Privada em Cabinda .....	34
2.5 – Relação família/escola .....	37
CAPÍTULO 3 .....	49
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PAIS/ENCARREGADOS SOBRE A ESCOLA .....	49
3.1 Direitos e deveres dos pais e encarregados de educação.....	49
3.2 Sobre a Comissão de Pais e Encarregados .....	51
3.3 O que dizem os Pais/Encarregados.....	55
CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS .....	60
REFERÊNCIAS.....	64
Apêndice A- perfil do (a) encarregado (a) .....	68
Apêndice B- Roteiro de Entrevista .....	71
Apêndice D.....	77

## INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, apresentamos como objeto de pesquisa as representações sociais dos pais/encarregados<sup>1</sup> da educação sobre a escola. Pela minha experiência profissional, escolhi como campo empírico os pais/encarregados, do Colégio Padre Builu. Este estudo situa-se na orientação que o sistema educacional angolano vem realizando sobre a importância da presença dos pais, não somente no acompanhamento domiciliar da aprendizagem dos seus filhos. Há, na atualidade, um investimento massivo para que a escola crie condições para que os pais/encarregados possam também participar ativamente na gestão pedagógica e administrativa da escola.

Mas vêm-se observando a presença de muitos desafios para que esta orientação se efetive. A escola aparece aqui, afirmando que suas tentativas para buscar aproximação com as famílias não encontram ressonância nos mesmos. Os pais, por sua vez, dizem que não tem sido fácil esta aproximação.

Dentre as diversas possibilidades teóricas/metodológicas para se pesquisar este fato, optamos por olhar a partir do que pensam, sentem e fazem os pais/encarregados com relação a escola. Com esse foco, tenho por objetivo compreender como estão vivenciando o chamado da escola para esta alteração em formas históricas de relacionamento entre escola e famílias. Especificamente pretendemos investigar e compreender quais atitudes os pais e encarregados constroem diante das novas exigências da escola.

Sabemos que até bem recentemente a escola não tinha como proposta esta participação ativa dos pais. Conforme Van-Zanten (1988) somente a partir de 1960 é que as interações sociais entre pais e professores ganharam importância. Até esse período a escola era um espaço fechado, não incentivava ou não previa o envolvimento dos pais, em seus assuntos. Os pais eram chamados para colaborar em festividades ou para reuniões informativas sobre o desempenho escolar do filho.

---

<sup>1</sup> Doravante utilizaremos o termo pais, mas sempre compreendendo que estamos referenciando também os encarregados de educação, isto é, aqueles que assumem o cuidado das crianças e jovens no lugar dos pais biológicos.

Numa analogia com o teatro pode-se dizer que os pais assumiam o lugar de plateia e os profissionais da escola a função de atores.

Sendo assim, a escola na atualidade ao implementar ações para motivar a colaboração dos pais, lida com essa experiência. Já não espera, nem olha os pais como simples expectadores, passivos, que recebem informações e interagem apenas quando chamados. A esse chamado Van-Zanten (1988) define como o aparecimento de uma nova zona de interação entre estas duas instâncias - em que os dois espaços, antes privados, hoje se tornam abertos, lugar onde os pais e professores realizam trocas. A escola propõe aos pais uma nova compreensão do que é participação da família na educação escolar.

Ao trabalhar com as representações sociais na perspectiva de Moscovici (1978), compreendemos que a demanda da escola coloca para os pais o desafio de alterar suas formas de pensar, sentir e agir com relação a escola e, conseqüentemente, sua relação com ela. Partimos do pressuposto de que estejam encontrando dificuldades em lidar com a situação visto que será necessário alterar saberes e práticas, exigindo a busca de novas informações. Entende-se que sair do lugar de plateia e subir ao palco como atores demanda dos pais romper com formas consolidadas de relação com a escola.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva com ênfase na abordagem qualitativa. A escolha desta área deve-se ao fato de que os estudos descritivos procuram descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade sociocultural. Nessa pesquisa entendeu-se que os limites temporais e da conjuntura de vida da pesquisadora permitiram uma aproximação inicial com o tema de pesquisa. Segundo Moscovici (1978) a abordagem qualitativa atua em níveis de realidade e tem como objetivo trazer a luz dados, indicadores e tendências observáveis de um determinado fato. Com esta perspectiva utilizamos os seguintes procedimentos de pesquisa: observamos e registramos uma reunião da Comissão, tivemos acesso a ata de uma reunião, entrevistamos o Diretor da Escola Padre Builu, aplicamos um questionário e entrevistamos três pais.

O questionário foi utilizado para agregar os dados sócio econômicos e de escolaridade dos pais. A questão do anonimato foi levada em consideração muito

embora colocou-se o nome na ficha do questionário, esclarecemos aos intervenientes que elas só serviriam para a pesquisa e nada mais e que assim que terminasse a pesquisa elas seriam destruídas ou colocadas num local em boa conservação.

Utilizamos também a técnica de observação na qual, observamos uma reunião da Comissão para compreender como o tema da participação aparece no momento de encontro entre escola e pais. A análise da ata de uma reunião foi importante para compreender a dinâmica da Comissão no que diz respeito ao tema da participação. Foi uma ferramenta que de certa forma fecundou a pesquisa, pois podemos observar a interação entre os pais e desses com a escola.

Após uma análise preliminar dos dados obtidos, selecionamos alguns pais para uma entrevista individual na qual o instrumento escolhido foi um roteiro de questões relacionadas ao tema.

O presente texto traz o relato da pesquisa. Para tanto estruturamos o texto em uma Introdução e três capítulos. Na introdução realizamos uma breve contextualização do estudo, focalizando-nos nos aspetos relevantes a desenvolver, a causa das questões de pesquisa e os procedimentos metodológicos. No capítulo I mostramos o referencial teórico das representações sociais. No capítulo II registramos os estudos que fizemos sobre a escola, a família e a relação entre ambos. Buscamos na medida do possível focalizar a discussão para o contexto de Angola, da Província de Cabinda e da Escola Padre Builu. No Capítulo II apresentamos e discutimos os dados obtidos. Finalizamos o texto com algumas considerações sobre os resultados obtidos e indicação de temas para continuidade dos estudos.

## CAPÍTULO - 1

### REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO CAMINHO DE LEITURA TEÓRICA

Serge Moscovici (1978), quando pesquisou a popularização da teoria psicanalítica na sociedade francesa, criou um conceito e uma teoria para explicar o fenômeno da construção de uma representação quando os sujeitos estão diante de situações que desafiam suas formas consolidadas de pensar, sentir e agir com relação a um objeto, um processo social, outros sujeitos, relações sociais, dentre outros aspectos que estruturam sua realidade social e subjetiva. O estudo transformou-se em referência teórica na Psicologia Social e, na atualidade, os conceitos elaborados pelo autor orientam trabalhos em diferentes campos do conhecimento (JODELET, 1989). As definições de Moscovici (1978; 2003) são amplas e permitem variadas leituras. Para o propósito deste trabalho, assumimos o sentido da representação como um conhecimento gerado nas trocas cotidianas e que se apresenta como lógico e criativo visando tornar familiar o que nos é estranho.

[...] a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes da imaginação (MOSCOVICI, 1978, p.28)

[...] a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar [...]. (MOSCOVICI, 2003, p.54)

Estar no campo da teoria moscoviciano significa compreender a representação como conteúdo, processo e estrutura como dimensões indissociáveis. Os conteúdos de uma representação são os diferentes saberes que circulam na sociedade. Saber construído como teoria coletiva sobre o real, como um sistema que tem uma lógica que configura o campo das ideias, crenças, valores, opiniões, atitudes, imagens, metáforas e símbolos, utilizados pelos indivíduos para entender, justificar e organizar uma ação sobre os objetos que o cercam. O conteúdo diz respeito ao conjunto de informações que o sujeito possui sobre um determinado objeto.

Em termos de processo, as representações sociais são criadas para tornar familiar o não-familiar. Sobre o não-familiar Moscovici (2003, p.61) diz que são;

Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas.

Diante de uma realidade com a qual não sabe lidar, o sujeito entra em desequilíbrio e instaura movimentos buscando inserir o novo objeto na trama dos seus saberes prévios. Essa inserção altera o saber prévio, o objeto e, portanto, o sujeito. Neste caso, produz-se outro saber: o possível nas condições políticas, sociais, culturais e familiares de existência do sujeito e do objeto. A construção de novas formas de pensar/sentir/agir pode assumir diferentes configurações. O sujeito pode manter seus saberes prévios, que neste caso não serão os mesmos, dado que só o fato de terem sido questionados ocasionou alterações ou pode alterar profundamente o que ele sabia antes ou apenas parcialmente. Há sempre mudança, movimento, processo. Não há como passar inviolável pela experiência de contato com um objeto que desafia o entendimento, questiona as práticas e mobiliza as emoções.

Moscovici (2003, p.59) diz que “ao se estudar uma representação, nós devemos sempre tentar descobrir a característica não-familiar que a motivou, que está absorveu.” Nessa tarefa de tornar familiar o não-familiar, de assimilar e acomodar o estranho, Moscovici (1978) identifica dois processos: ancoragem e objetivação. A ancoragem diz respeito ao enraizamento social da representação, à integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente e às transformações que, em consequência, ocorrem num e noutro. Trata-se, portanto, de sua inserção orgânica em um pensamento constituído. Ancorar ideias estranhas é reduzi-las a categorias e imagens comuns.

A objetivação é a passagem de conceitos e ideias para esquemas ou imagens concretas, os quais, pela generalidade de seu emprego, se transformam em "supostos reflexos do real". (MOSCOVICI, 1978, p.289) Ao objetivar os sujeitos tornam concreto o que é abstrato, criam imagens para as ideias. Nesse

processo, as ideias não são percebidas como produtos da atividade intelectual, mas como reflexos de algo que existe no exterior.

A ancoragem e a objetivação possibilitam à atividade representativa destacar uma figura e, ao mesmo tempo, atribuir-lhe um sentido, integrando-a ao nosso universo. O resultado desse movimento produz outro saber, outra representação. A estabilidade dessa representação, bem como sua materialidade, lhe confere o estatuto de instrumento para orientar percepções e julgamentos sobre a realidade. Nessa perspectiva, trata-se do conhecimento em movimento, produzido diante de algo que desequilibra os esquemas já consolidados. Assim, para compreender ou explicar uma representação é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu.

O conteúdo e o processo de produção de uma representação configuram sua estrutura. Moscovici (1978) nos fala da estrutura representacional constituída de um núcleo figurativo e de um núcleo periférico. Os elementos do núcleo figurativo dão estabilidade e continuidade aos sentidos atribuídos a um objeto. O núcleo periférico é composto por elementos que alteram as aparências imediatas de uma representação, mas não necessariamente o sentido do núcleo figurativo.

Este lugar de coerência e centralidade de uma representação foi denominado por Jean Claude Abric (2001) de “núcleo central”. Doise (2001) chama-o de “princípio organizador”. Para Doise (2001, p.195) o princípio organizador é relacional e traz a marca da inserção social dos sujeitos e do objeto. Cada escolha terminológica relaciona-se com opções metodológicas e teóricas diferenciadas. Mas, no conjunto, as diferentes perspectivas concordam que toda representação possui um agrupamento de sentidos que organiza sua estrutura, lhe dá coerência e possibilita o diálogo entre diferentes práticas.

Segundo Sá (1998) é impossível para um pesquisador sozinho, e/ou em uma única pesquisa dar conta de apreender e analisar uma representação social em seus aspectos relacionados ao conteúdo, ao processo e a sua estrutura. Sendo assim, o autor sugere aos pesquisadores iniciantes que procurem realizar em suas pesquisas, principalmente de mestrado, um trajeto que o permita se aproximar do objeto em pelo menos uma dessas dimensões. Sendo assim,

procuramos nessa pesquisa compreender a fala dos pais e encarregados construindo a partir dos conteúdos uma possível forma de organização em torno do movimento que estão elaborando a partir das demandas da escola por novas formas de relacionamento com a família.

Esse modelo analítico é uma aproximação inicial ao que vem sendo construído e trabalhado no Grupo de Estudos em Representações Sociais – GERES, em funcionamento na Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais. O GERES se organiza com profissionais de diferentes campos do conhecimento cujo foco de interesse é a produção de saberes sobre as representações sociais em mudança, que denominamos de representações sociais em movimento. Busca compreender no espaço de suas discussões os desafios teóricos e metodológicos para a pesquisa em diferentes contextos sócio-culturais. Cabe esclarecer que o familiar é, para o GERES, o conhecido, a confirmação de crenças, enquanto que o não-familiar se instaura como desafio para a dúvida.

De um modo geral, os resultados das investigações já desenvolvidas ( Antunes-Rocha, 2012; Menezes, 2013; Aquino, 2013), apontam que os sujeitos diante do estranho podem articular três movimentos: mantém suas formas de pensar, isto é, o novo ainda não está provocando mudanças; está alterando sua forma de pensar, isto é, evidencia elaborações indicativas que reconhece a presença de algo diferente que está provocando seus saberes; ou já alterou sua forma de pensar/sentir/agir, isto é, o que era desafio já se constitui como familiar.

No escopo dessa pesquisa temos a intencionalidade de uma aproximação inicial com esse modelo analítico, tendo em vista que a complexidade do referencial teórico e metodológico exige um tempo maior de pesquisa, situação que não está presente na elaboração de uma dissertação.

## CAPÍTULO 2

### RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA COMO TEMA DE ESTUDO

O tema desse estudo refere-se a relação entre escola e família. Dessa forma compreende-se como necessário apresentar o que a literatura diz sobre cada ente que compõe essa díade bem como sobre o que acontece quando ambos se encontram. Como a pesquisa foi realizada em Angola entende-se que seria pertinente trazer algumas informações sobre o assunto no país. Sendo assim, em cada tópico realizou-se uma discussão mais geral, para logo após aprofundar o estudo em Angola, verticalizando para a realidade de Cabinda.

#### 2.1 Família

O termo família é denominado e conhecido como um grupo de pessoas normalmente ligado por relações de afeto ou parentesco. Segundo a Declaração dos Direitos Humanos, a família é o elemento natural da sociedade e tem direito à proteção da própria sociedade e do Estado. A palavra deriva do latino “famulus” que significa doméstico, servidores ou escravos. O dicionário de Língua Portuguesa (2011), define a família como conjunto de pessoas com relações de parentesco que vivem juntos; agregado familiar, grupo de pessoas formados pelos progenitores e seus descendentes; linhagem, enfim, (...) grupo de pessoas unidas pelo vínculo do casamento, afinidade ou adoção. Pode ser também grupo de pessoas com origem, ocupação ou características em comum.

A família “é considerada como a instituição básica e fundamental da sociedade. É o grupo nuclear e, ao mesmo tempo, o mais antigo e primitivo” Alves (1996). A família é a única instituição social presente em todas as civilizações e a unidade essencial em todas as sociedades. O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI citado por Jacques Delors (2006) sublinha que a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e

assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão das normas e valores.

Segundo Ruiz (2007), apesar da família, ser o agente de socialização mais importante, sendo no seu interior que se constroem os valores, este não é o único meio, e que é na sociedade que o indivíduo se integra, se adapta e os interioriza, incluindo a convivência com os outros. Segundo este autor, não obstante as famílias serem fundamentais na socialização primária que se faz através da transmissão dos valores e das atitudes, estas não são as únicas, tendo a escola e a sociedade em complementaridade, a tarefa de educar também em valores.

Sobre este assunto Moreira (2004, p. 56) diz que em cada grupo social a aprendizagem dos mais jovens é realizada sob supervisão dos mais velhos que têm o cuidado de transmitir seus ensinamentos com base naquilo que entendem que vai ser necessário saber para agir como membro do grupo, sendo através da Escola, tal como a conhecemos hoje, que essa educação deve também ter lugar contribuindo para o funcionamento do jovem com a sociedade.

Segundo Yoba & Chocolate (2010, p.117) a partir da década de 60 do século XX verificaram-se grandes mudanças nas estruturas familiares com a consequente desagregação das relações e a “destruição dos laços familiares tradicionais e das solidariedades organizadas em torno da família alargada”. O mesmo autor encontra algumas causas para esta situação, referindo: a) mobilidade a que as populações foram sujeitas, obrigadas a deslocar-se para os grandes centros urbanos na procura de empregos disponíveis, como consequência do progresso a nível científico e tecnológico, que se verificaram em algumas sociedades de países mais desenvolvidos; b) o aumento das funções laborais das mulheres fora do espaço de habitação. Assim, compreende-se que essas novas escolhas produziram limitações e alterações na organização das vidas familiares, contribuindo também, para novas questões de ordem social, traduzidas no prolongamento da escolaridade, sobretudo das mulheres, o aumento da idade para contrair matrimônio e a diminuição do número de casamentos e de filhos.

De um modo generalizado, nas últimas décadas, “a evolução das sociedades ocidentais deu origem às chamadas novas formas de família” e temos assistido a

“mudanças nos padrões familiares, que seriam inimagináveis para as gerações anteriores” (Van-Zanten, 1998, p.174). Existe, de fato, uma multiplicidade de famílias e formas de agregados familiares que tornam a época atual, tão particular. Logo, o conceito de família tem sofrido alterações profundas.

Ao usarmos o termo família é importante que tenhamos em consideração que não existe um modelo familiar mais ou menos universal; será mais apropriado falar em “famílias” tal como afirma Perrenoud (2001, p.59). Expressões como família mono parental, família recomposta ou reconstruída, família em coabitação, união de fato, família homossexual... tornaram-se comuns. A este propósito Enguita (2004, p.63) afirma que “a família alargada, vivendo debaixo de um mesmo teto, quase desapareceu; a família nuclear em muitos casos deu lugar a famílias mono parentais ou famílias reorganizadas”. Esta autora assegura que “praticamente, não existem mais famílias extensas, com mais de dois adultos (...), com um rosário de irmãos entre os quais os maiores cuidam dos menores e com uma mãe permanentemente em casa, a par de tudo”.

Para Enguita (2001, p. 64) estas alterações, ao modelo familiar, têm como “mudança mais importante, sem dúvida, a ida da mulher para o mercado de trabalho” (o.c., p.63). A mãe deixa de estar tão presente na vida dos filhos (se pensarmos no modelo mais tradicional de mãe, aquela que fica em casa a cuidar do lar e dos filhos). Do mesmo modo, Gaspar &Diogo (2010, PP. 45-47) enumera um conjunto de fatores indiciários da emergência das “diferentes formas familiares” como “a crise econômica e o desemprego (...), a intensificação do trabalho feminino [que] torna a mulher menos dependente, (...) os avanços tecnológicos e científicos, (...) a valorização da relação intra-conjugal, (...) o aumento dos divórcios (...) e a pluralização dos princípios morais seguidos pelas famílias”. No entanto, o mais importante será, segundo a autora, fazer a “transição para novos modelos de família” (1998 p.72-74).

O aumento da expectativa de vida, a diminuição do índice de natalidade, o aumento de mulheres abarcando o mundo do trabalho, além do aumento de divórcios e separações forma algumas das mudanças deixadas pelo século XX. Em consequência disso, a família contemporânea, assim como a instituição do

casamento, parece estar vivenciando uma grande crise. Percebe-se em consequência dessa crise um aumento considerável de pequenas famílias chefiadas por jovens esposas tentando se firmar financeiramente.

Diante dos autores revisados, percebe-se que a família, apesar de ser um tema relevante, também é bastante complexa e requer ainda muito estudo e pesquisa para que se possa entender melhor sua natureza e especificidade, mas é importante perguntar se a família se caracteriza por ser um grupo de adultos com responsabilidades sobre as crianças, então o fato de existir a possibilidade de uma presença/ausência de um dos adultos abre portas a uma nova questão: a quem deixar as crianças? A guarda das crianças que antes era assumida, sem problemas, “pelos muitos familiares e pela pequena comunidade (...) passou a ser a grande preocupação de muitas famílias” (ENQUITA, 2004, p.64), uma vez que perante a disparidade na estruturação e organização familiar, se generalizou a partilha da criança entre os pais e outros atores (amas, avós...) e diversas instituições como creches, infantário, jardim-de-infância.

## **2.2- Família em Cabinda/Angola**

Cabinda, é uma das pequenas partes de Angola. Ela, inclui-se nas 18 partes de Angola, limita-se ao norte pela república do Congo (Brazavile), a leste e ao sul pela (R.D.C.) República Democrática do Congo e a oeste pelo oceano atlântico (Fig. 2). Etimologicamente o nome de Cabinda tem a sua origem na aglutinação da última sílaba da palavra Mafuca, intendente geral nos reinos de Loango, Cacongo e Ngoio, Binda, nome dado ao Mafuca naquela época. No sex. XIX, Cabinda era chamada de Porto Rico, Vila Amélia e Tchowa Tchimuissi.

Cabinda ocupa uma superfície de 7283 km<sup>2</sup> e cerca de 350 000 habitantes, densidade demográfica de 151,5 hab/2. Sendo que 51% habitam na zona urbana, e 48% vivem nas zonas rurais. Sua capital é denominada por Cabinda. A língua ou o dialeto predominante é o Fiote para além da língua veicular que é o português é uma população de origem Bantu. Cabinda elevou se na categoria da cidade no dia

28 de Maio de 1956, através do despacho legislativo nº 2.757, proposto pelo então governador português do distrito do Congo, Jaime Pereira de Sampaio Forjar de Serpa Pimentel. A província possui quatro municípios nomeadamente Cabinda, Cacongo, Buco-zau e Belize. Tem oito comunas, com um clima tropical húmido, tendo as precipitações anuais em torno de 800 mm, a sua temperatura média anual varia entre os 25 e os 30° graus Celsius.

A província de Cabinda possuía até ano 2012 um número de habitantes estimado em 350.000 e uma densidade demográfica de 151,5 hab/km<sup>2</sup>. Durante três décadas, Angola vivenciou um período de muita carência que iniciou logo após a proclamação da independência nacional em 1975 pelo malogrado Dr. António Agostinho Neto, presidente de Angola o guia imortal da revolução angolana. As dificuldades continuaram pois a guerra civil que só deixou sequelas que se arrastaram até 2010. Isto fez com que a população tivesse muita carência em todas as vertentes até no que diz respeito a aquisição de informações.

Segundo as fontes consultadas por nós, afirmaram que os missionários e comerciantes portugueses chegaram à foz do Rio Congo nos meados do século XV, estes fizeram contatos com Manicongo, nome pelo qual se chamava o chefe do reino do Kongo. Este Manicongo controlava uma grande parte da região em função da filiação com os reinos minoritários, isto é, o Ngoyo, Luango e Kacongo todos estes situados em Cabinda.

Com a implantação de fabricas de extração de madeira e óleo de palma em Cabinda pelos colonos portugueses, holandeses e ingleses, o comercio continuou e a presença europeia cresceu terminando em conflitos entre eles. Na concorrência europeia, em fevereiro de 1885, Portugal concluiu com os chefes de Cabinda o Tratado de Simulambuco. Por ocasião de conferência de Berlim, nascem em simultâneo os dois congos: Congo Belga e Congo Francês, o qual Cabinda designou - se por congo português. Na metade do ano 1920 houve a ocupação efetiva do território que constitui a atual Angola, Portugal deu por finda o estatuto de protetorado separado, Cabinda passando a ser considerada uma parte integrante de Angola. A população de Cabinda é distribuída em sete tribos: Bawóio, Bakuakongo, Balinge, Bassundi, Baiombe, Bavili e Bakotchi.

Figura 1 – CABINDA, Angola: Mapa Político Administrativo.



**Fonte:** Disponível em: <<https://www.google.com.br/>>. Acesso em: 29/08/2014

Angola, oficialmente República de Angola, é um país da costa ocidental de África, cujo território principal é limitado a norte e a nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. Para além dos vizinhos já mencionados, Angola é o país mais próximo da colônia britânica de Santa Helena (Fig. 1).

Os portugueses estiveram presentes em alguns pontos no que é hoje o território de Angola desde o século XV, interagindo de diversas maneiras com os povos nativos, principalmente com aqueles que moravam no litoral. A presença portuguesa na região iniciou-se no século XV, mas a delimitação do território apenas aconteceu no início do século XX. O primeiro europeu a chegar a Angola foi o explorador português Diogo Cão. Angola foi uma colônia portuguesa que apenas abrangeu o atual território do país no século XIX e a "ocupação efetiva", como determinado

pela Conferência de Berlim em 1884, aconteceu apenas na década de 1920, após a resistência dos povos bundas e o sequestro de seu chefe, Mwene Mbandu Kapova.

A independência do domínio português foi alcançada em 1975, depois de uma longa guerra de libertação. Após a independência, Angola foi palco de uma intensa guerra civil de 1975 a 2002, majoritariamente entre o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Apesar do conflito interno, áreas como a Baixa de Cassanje mantiveram ativos seus sistemas monárquicos regionais. No ano de 2000 foi assinado um acordo de paz com a Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC), uma frente de guerrilha que luta pela secessão de Cabinda e que ainda se encontra ativa. É da região de Cabinda que sai aproximadamente 65% do petróleo de Angola.

O país tem vastos recursos naturais, como grande reservas de minerais e de petróleo e, desde 1990, sua economia tem apresentado taxas de crescimento que estão entre as maiores do mundo, especialmente depois do fim da guerra civil. No entanto, os padrões de vida angolanos continuam baixos; cerca de 70% da população vive com menos de dois dólares por dia, enquanto as taxas de expectativa de vida e mortalidade infantil no país continuam entre os piores do mundo, além da presença proeminente da desigualdade econômica, visto que a maioria da riqueza do país está concentrada em um setor desproporcionalmente pequeno da população.



**Figura 2 – ANGOLA – Mapa Político-Administrativo Atual**

**Fonte:** Disponível em: <<http://www.africa-turismo.com/mapas/angola.htm>>. Acesso em: 18/07/2014

A Lei Constitucional angolana (recentemente aprovada pela Assembléia constituinte de Angola) consagra no seu Artigo 35.º (Família, casamento e filiação) o seguinte teor:

1. A família é o núcleo fundamental da organização da sociedade e é objeto de especial proteção do Estado, quer se funde em casamento, quer em união de fato, entre homem e mulher.

2. Todos têm o direito de livremente constituir família nos termos da Constituição e da lei.
3. O homem e a mulher são iguais no seio da família, da sociedade e do Estado, gozando dos mesmos direitos e cabendo-lhes os mesmos deveres.
4. A lei regula os requisitos e os efeitos do casamento e da união de fato, bem como os da sua dissolução.
5. Os filhos são iguais perante a lei sendo proibida a sua discriminação e a utilização de qualquer designação discriminatória relativa à filiação.
6. A proteção dos direitos da criança, nomeadamente, a sua educação integral e harmoniosa, a proteção da sua saúde, condições de vida e ensino, constituem absoluta prioridade da família, do Estado e da sociedade.
7. O Estado, com a colaboração da família e da sociedade, promove o desenvolvimento harmonioso e integral dos jovens e adolescentes, bem como a criação de condições para a efetivação dos seus direitos políticos, económicos, sociais e culturais e estimula as organizações juvenis para a persecução de fins económicos, culturais, artísticos, recreativos, desportivos, ambientais, científicos, educacionais, patrióticos e do intercâmbio juvenil internacional.

Referências sobre a família encontraram-se ainda, no código da família sob tutela do Ministério da Família e Promoção da Mulher no artigo 1º a 5º, destes, citamos o artigo 2º:

1. A família deve contribuir para a educação de todos os seus membros no espírito de amor ao trabalho, do respeito pelos valores culturais e do combate a concepções ultrapassados no seio do povo, da luta contra a exploração e a opressão e de fidelidade a pátria e revolução;
2. A família deve contribuir para o desenvolvimento harmonioso e equilibrado de todos os seus membros para que cada um possa realizar plenamente a sua personalidade e as suas aptidões no interesse de toda a sociedade.

Para a realidade angolana e de acordo com a legislação em vigor, a família configura o núcleo da sociedade. Isto quer dizer que a família constitui o ponto de partida e chegada de toda a sociedade. Ela pode ser tomada como sendo o sustentáculo da sociedade porque sem a procriação que se efetua no seio familiar, não se pode construir uma sociedade.

Na realidade Angolana, todos podem ser encarregados de educação de uma criança, isto é, nem sempre exige que sejamos pais ou que sejamos da mesma linhagem familiar da criança do ponto de vista de parentesco. Admitimos assim que a criança que vive no seio de uma família determinada, mesmo que não tenha relação de consanguinidade, desde que aquela família responda pela sua educação, esta seja considerada a sua família naquelas relações sociais concretas. Quer dizer que na realidade do nosso país, existem casos em que a criança é deslocada da sua real família e ter que coabitar em comunhão de mesa permanente ou simplesmente por um período prolongado com uma determinada família. É esta família que cuida e educa o menor, isto é que se responsabiliza por ela. Esta criança, não sente outro calor familiar, se não desta por isso não podemos dizer que esta não seja a sua nova família.

O encarregado de educação é, pois, aquela pessoa, um coletivo de educadores (casos de instituições) que exercem a função de tutores de um menor, que o acompanham na sua educação. No âmbito do processo docente educativo, encarregado de educação deve ser entendido, como aquele indivíduo que no seio familiar responde diretamente pelo aluno perante a vida escolar. Deste modo, o encarregado de educação pode ser: o pai, o irmão, mais velhos tios, o primo, o amigo da família da criança. Os responsáveis de instituições (empresa, lares e de infância, orfanatos e residências estudantis), que perante a escola e a sociedade, assumem a responsabilidade jurídica como tutores.

Na maioria dos casos, a missão de educar uma criança nestas condições, é aceite com naturalidade e orgulho. Deste modo, esta nova família da criança é a que se responsabiliza pela sua educação. Exerce assim a função social atribuída aos pais. Significa que o papel e a função social dos seus pais são logicamente transferidos para o encarregado de educação nessa família onde vive a criança.

À diferença com o Europeu e com um país desenvolvido, é que a família quase que se restringe aos pais e filhos em primeiro lugar e depois aos tios-avôs e primos indicados por grau de parentesco. A família angolana tem um sentido lato, mas amplo. Efetiva e motivante incluem todos os indivíduos que coabitam em comunhão de mesa. Pensamos ser esta razão que leva a maior responsabilidade em ser-se encarregado de educação de criança que proveem do outro seio familiar.

Sendo assim na sociedade angolana família é vista de forma alargada, levando em consideração o grau parentesco, onde os outros membros da família tais como: tios, avós e outros podem e devem participar na educação da criança. Devem porque nem sempre a tutela de uma criança é voluntária (porque o tutor quis), mas porque os pais impuseram esta situação a quem recebe. E este por sua vez torna-se, de certa forma, o encarregado desta criança respondendo assim a todas as necessidades desta.

### **2. 3 - Escola**

O termo escola deriva do latim *scholare* ferindo-se ao estabelecimento onde se dá qualquer gênero de instrução. Também permite fazer alusão ao ensino que se dá ou que se recebe, ao conjunto do corpo docente e discente de um mesmo estabelecimento escolar, ao método, ao estilo peculiar de cada professor/docente para ensinar, à doutrina, aos princípios e ao sistema de um autor.

Ao longo dos anos têm se verificado alterações substanciais no modo de ver e pensar a escola. Para Diogo (1998) a escola é à partida, uma transmissora de saberes que serão sempre apropriados de modos distintos pelos seus públicos, logo, produzindo meios diferentes de entendimento. Crahay (2000), diz-nos que a educação foi sempre objeto de apostas ideológicas e econômicas e embora o processo de escolarização geral tivesse começado a tomar forma no início do século XX, tendo como base uma decisão política de que todas as crianças se deviam instruir, os princípios para a criação da escola de massas só tomou força após a segunda guerra mundial, quando emergiram correntes de pensamento

definindo a escola como geradora de "capital humano" e de "reserva de talentos", uma atribuindo a Escola e ao ensino a promoção de benefícios escolares, a outra, otimizadora da gestão dos talentos que cada nação necessita.

Na concepção de Perrenoud (1994, p.170-174), reportando se ao sistema Francês, a escola sendo um sistema constituído também por divisões sociais, foi tradicionalmente considerada como uma instituição no sentido de ser produtora de hierarquias e qualificações escolares, garantindo funções como: "educação, seleção e socialização". Dado que a mesma escola nos últimos anos sofreu grandes alterações, fruto da sua massificação, a qual veio transformar de modo muito profundo a sua função de atribuição e distribuição de qualificações, é também no seu interior que se geram e reforçam as desigualdades.

Segundo Antunes-Rocha (2012) a construção da escola no Brasil assume diferentes sentidos ao longo da história em função do espaço onde está situada e da classe social que atende. Nesse sentido mostra que desde o período colonial está presente uma "visão da escola como socializadora" quando diz respeito a educação escolar dos grupos populacionais mais pobres. Por outro lado está presente "uma visão como transmissora/produtora do conhecimento" quando se trata do trabalho com grupos de níveis socioeconômicos mais altos. Para essa autora quando se trata da escola no meio rural essa representação não se cumpre, pois além dessa população estar inserida nos extratos socioeconômicos mais baixos encontra-se também desvalorizada em função do espaço em que reside e do trabalho que desenvolve. Sendo assim, essa escola não cumpre sequer o papel socializador.

#### **2.4 – A Escola em Cabinda/Angola**

Com a independência nacional angolana em Novembro de 1975, havia toda uma necessidade de reformular o ensino a imagem da necessidade dos angolanos, com objetivo de formar o quadro nacional para assegurar o destino do país e ocupar os lugares deixados pelos portugueses. Com esta finalidade, Angola poderia de forma

suficiente contribuir não só para o desenvolvimento dos próprios seus filhos, mas, também para o mundo no geral. A política desta reforma era baseada nos princípios da nacionalidade, laicidade, escolarização obrigatória, gratuidade, massificação, uniformidade do ensino, integridade educativa e a colaboração entre a escola e a comunidade.

Tendo em conta o desenho da política educativa de Angola depois da independência, a prioridade seria: a alfabetização das populações, as reformas sistemáticas do ensino até que se encontre uma estabilidade na educação e formação de quadros, a extensão e a consolidação da rede escolar até ao último necessitado, a formação e aperfeiçoamento dos professores, diretores e os inspetores escolares, bem como apetrechamento das escolas e aquisição de meios didáticos e o melhoramento das condições sociais e do trabalho dos professores e trabalhadores de base não docente e os alunos.

Essas metas, cumpridas com sucesso ou sem sucesso, importante é que estamos agora na consolidação e avaliação da reforma educativa que, quanto a nós não nos proporcionou ainda resultados satisfatórios tendo em conta a forma relâmpago como ela foi concebido. “Segundo a Agência Lusa (2004), esta reforma educativa visa objetivos de melhorar a qualidade do ensino em Angola, através de uma estrutura educativa forte baseada num novo projeto e instrumentos curriculares recentes”, afirmou o Ministro da Educação de Angola numa entrevista à agência Lusa.

Esquemáticamente, as três fases do sistema educativo em Angola compreendem:

1. Fase de massificação, promoção e alfabetização de quadros: é uma fase que de forma emergente precisava-se de quadros para cobrir as lacunas que existira no aparelho ou quadro funcionário angolano. É neste período em que existiram quadros equiparados. Quer dizer, um quadro com pouca qualificações académicas, podia com a experiência do trabalho, sem o nível académico, ocupar a posição de um técnico médio ou superior, mas com denominação de equiparado. Naturalmente, esta é uma fase que o nível da escolaridade começava –se na pré - primária como classe inicial, onde as crianças eram admitidas com a idade de 5 anos. Estruturalmente, o ensino era classificado por três níveis: primeiro (pré-

primária até 4ª classe), segundo nível, 5ª e 6ª classe e, o terceiro nível tinha a 7ª e 8ª classe. Assim sendo, o aluno teria acesso ao ensino médio, isto é, (9ª à 12ª classe).

2. A segunda fase é marcada pela reestruturação dos níveis de ensino, iniciada em 2001. A classe inicial passou a ser a 1ª classe, sendo que a pré-primária que constituía a classe inicial na escola, passou nas *creches*. O ano de ingresso na escola continua a ser os 5 anos, pelo que, a criança deve necessariamente começar na pré- escolar com menos de 5 anos. O 1º nível do sistema vigente passou a ser chamado por ensino primário compreendendo as classes (1ª à 6ª classe), o primeiro ciclo que no vigente era terceiro nível, compreende (7ª à 9ª classe) e o ensino médio no sistema vigente, passou a ser chamado o segundo ciclo, e compreende (10ª à 12ª classe). Terminado, o aluno teria acesso ao ensino superior.

3. A terceira fase da reforma educativa decorre desde 2012 anos estes em que se busca fazer a avaliação global do sistema educativo acompanhada de ações voltadas para a formação docente, melhoria contínua na infraestrutura e investimento na construção de práticas pedagógicas e materiais didáticos vinculados a realidade angolana.

Em 1977, dois anos depois da independência, Angola opta por um novo Sistema de Educação e Ensino caracterizado essencialmente por uma maior oportunidade de acesso à educação e à continuidade de estudos, pela gratuidade do ensino e do aperfeiçoamento permanente do pessoal docente. Em consonância com o sistema político, econômico e social instaurado em 1975, foi definida a política educativa em 1977 por forma a corresponder às necessidades do País, à consolidação da Independência Nacional. Esta política é marcada essencialmente pelos princípios de igualdade de oportunidades no acesso à escola e à continuação de estudos, da gratuidade, no seu sentido mais amplo – inicialmente nem o estudante nem o seu agregado familiar pagavam quaisquer despesas com a educação e no ensino obrigatório nem o material didático era pago – e a laicidade do ensino, princípios esses consubstanciados no Sistema de Educação da República de Angola, aprovado em 1977 e implementado a partir de 1978 (ANGOLA, 2001)

O Sistema de Educação angolano categoriza-se da seguinte:

1 – Ensino Geral de Base de 8 Classes, estruturado em 3 níveis, o primeiro dos quais de 4 classes (obrigatório) e cada um dos dois com duas classes, que se deveriam tornar igualmente, à medida que as condições o permitissem, obrigatórios;

2 – Ensino Pré-Universitário, inicialmente concebido como o “módulo de transição” entre a fase terminal do Ensino Secundário do sistema colonial e a do novo sistema, para acesso ao Ensino Superior. Estruturado em 4 semestres letivos, evoluiu, em 1986, para 6 semestres letivos;

3 – Ensino Médio, com a duração de 4 anos e dois ramos fundamentais: o Técnico e o Normal, o primeiro destinado à formação de técnicos intermédios para o sector produtivo e o segundo destinado à formação de docentes para o Ensino de Base;

4 – Ensino Superior, estruturado em Faculdades, com a duração de 5/6 anos, prevendo-se a existência de dois níveis de formação, solução implementada apenas no nível do Instituto Superior de Ciências da Educação. Esta é a “organização vertical” do Sistema.

Segundo o Conselho de Ministros (2001) horizontalmente, o Sistema de Educação organiza-se em Subsistemas: o do Ensino de Base, com duas estruturas de formação (Regular e de Adultos); o do Ensino Técnico-Profissional, que compreendia o Ensino Médio Técnico e a Formação Profissional, e o Subsistema do Ensino Superior. Particular importância foi dada no desenvolvimento do Sistema Educativo à estrutura de Formação de Docentes e ao Ensino de Adultos, que evoluíram para Subsistemas de Ensino.

Tendo em conta o desenho da política educativa de Angola depois da independência, a prioridade seria: a alfabetização das populações, as reformas sistemáticas do ensino até que se encontre uma instabilidade na educação e formação de quadros, a extensão e a consolidação da rede escolar até ao último necessitado, a formação e aperfeiçoamento dos professores, diretores e os

inspetores escolares, bem como apetrechamento das escolas e aquisição de meios didáticos e o melhoramento das condições sociais e do trabalho dos professores e trabalhadores de base não docente e os alunos.

Essas metas, cumpridas com sucesso ou sem sucesso, importante é que estamos agora na consolidação e avaliação da reforma educativa que, quanto a nós não nos proporcionou ainda resultados satisfatórios tendo em conta a forma relâmpago como ela foi concebido. “Segundo a Agência Lusa (2004), esta reforma educativa visa objetivos de melhorar a qualidade do ensino em Angola, através de uma estrutura educativa forte baseada num novo projeto e instrumentos curriculares recentes”, afirmou o Ministro da Educação de Angola numa entrevista à agência Lusa.

#### 2.4.1 –A Escola Privada em Cabinda

O sistema de educação em Cabinda conta com escolas públicas e privadas. Essas últimas apresentam-se com um expressivo número em todas as localidades da província com perspectivas de ampliação. No Quadro 1 podemos observar que atualmente existem 43 (quarenta e três) estabelecimentos educacionais privados em funcionamento. Neste universo, cinco são escolas Católicas dentre eles: o Colégio Padre Builu, escola que se faz referência a nossa pesquisa, Dom Paulino, João Paulo II, São José de Cluni, e Santa Madalena.

<b>Nº</b>	<b>NOME DA</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>
1	AUDI	BAIRRO CHIWECA
2	ANEX MONI	BAIRRO LOMBO-LOMBO
3	BUEIA E FILHOS	BAIRRO 4º DE FEVEREIRO
4	BELO HORIZONTE	BAIRRO CHIUECA
5	BASILEIA	BAIRRO 4º DE FEVEREIRO
6	CENTRO DE EXPL. D. ILDA	BAIRRO 4º DE FEVEREIRO
7	CEMAF	
8	CENTRO DE EXPLICAÇÃO PELE	BAIRRO LOMBO-LOMBO
9	CENTRO DE EXPLICAÇÃO F. MALONDA	BAIRRO 4º DE FEVEREIRO
10	CARLOS LUEMBA	BAIRRO COMANDATE GIKA
11	CENTRO DE EXPL. MONI	BAIRRO A. CABRAL

12	CAMPO DE FLORES	BAIRRO CABASSANGO
13	CAMINHO SEGURO	BAIRRO LUTA CONTINUA
14	CHENGUENENE	BAIRRO A RESISTENCIA
15	CASY	BAIRRO 4 DE FEVEREIRO
16	CENTRO DE EXPL. LUTA	BAIRRO LUTA CONTINUA
17	CARLOS CAPITA CHIMONA	BAIRRO 1º DE MAIO/UNECA
18	DOM ALFREDO SUNGO	BAIRRO POVO GRANDE
19	DOM DOMINGOS FRANQUE	BAIRRO POVO GRANDE
20	DOM TEMBO	BAIRRO SÃO PEDRO
21	DOM PAULINO	4º DE FEVEREIRO
22	ESPERANÇA	BAIRRO CABASSANGO
23	FERNANDO MASSIALA	BAIRRO 1º DE MAIO/ ZANGOYO
24	GEOVANIA	BAIRRO POVO GRANDE
25	GRAÇA	1º DE MAIO ZONA DO AEROPORTO
26	LUBANDO	BAIRRO GICA/ MAWETE
27	JOÃO PAULO II	BAIRRO 4º DE FEVERREIRO
28	LATINO	BAIRRO CHIMUTU-YAKU
29	LYLU E FILHOS	BAIRRO CABASSANGO
30	LOPECA	BAIRRO GICA/ MAWETE
31	LUBOTA	1º DE MAIO
32	LUZABO	POVO GRANDE
33	MAPUMAR	BAIRRO MARIEN-NGUABI
34	NOVA ESTRELA	BAIRRO 1º DE MAIO/AVIARIO
35	NOVA LUZ	BAIRRO 4ºDE FEVEREIRO
36	NGOYO	BAIRRO CHIMUNTU-YAKU
37	PAULO MENDONCE	BAIRRO POVO GRNDE
38	PADRE BUILU	BAIRRO 4º DE FEVEREIRO
39	PADRE PITRA	BAIRRO 4º DE FEVEREIRO
40	PEDRO CELESTINO MACOSSO	BAIRRO 1º DE MAIO/ LUVASSA NORTE
41	PAM	BAIRRO 4º DE FEVEREIRO
42	PAMA	BAIRRO 1º DE MAIO/ LUVASSA SUL
43	RIGOR E SABEDORIA	BAIRRO LOMBO-LOMBO/ ESQUADRA
44	SALA DE ESTUDO JOVINA	BAIRRO 1º DE MAIO/ LUVASSA SUL
45	SANTA MADALENA	BAIRRO 1º DE MAIO/UNECA
46	SÃO JOSÉ DE CLUNI	BAIRRO 4º DE FEVEREIRO
47	SOLANA MAZIZAS BUITI	POVO GRANDE
48	TALANI	BAIRRO 1º DE MAIO/ LUVASSA NORTE
49	TSHINDAMA UM NZAMBI	BAIRRO CABASSANGO
50	VAMBO	BAIRRO 1º DE MAIO/ LUVASSA NORTE
51	XANDI	BAIRRO DOS COMBUSTIVEIS

52	ZECEX	BAIRRO 1º DE MAIO/ LUVASSA
----	-------	-------------------------------

Quadro 1 – Escolas Privadas em Cabinda/Angola

Fonte: Dados adquiridos na associação das Escolas Privadas de Cabinda, 2013.

O Colégio Padre Builu, sito na Rua das Mangueiras no Bairro 4 de Fevereiro, na cidade de Cabinda, na zona urbana, foi criado no ano de 2006 pelo Padre Carlos Gime, em memória de seu tio Padre José Maria Faustino Builu. A escola oferta a classe da iniciação até o 2º Ciclo do Ensino Secundário. A instituição nasce como um pequeno centro de explicação (aulas de reforço) no ano de 2002, na então residência do Padre Faustino numa das varandas laterais que funcionava como sala de aulas. Dois anos depois, isto em 2004, por necessidade e pedido dos pais ou encarregados de educação, o Pe. Carlos Gime faz acordos com o Colégio Mapumar que, devido as instalações bem localizadas na cidade de Cabinda, explora o local num período de dois anos. Neste período, o Colégio funciona como uma sucursal do Mapumar e passa a ser conhecido como Mapumar II.

A força de vontade e o trabalho intenso do Pe. Carlos Gime em prol de uma educação de qualidade para o seu povo, fez com que este anulasse o acordo com o Mapumar a fim de criar o Colégio Católico Padre Builu em 2006. Colocando assim este pequeno projeto na altura na direção da professora Selpa Pemba Tomás Buza, em colaboração do professor Aristides Francisco Chesse Mbachi como diretor pedagógico e Francisco José Chincócolo como diretor administrativo. Nesta época o Colégio contava com um universo de 500 alunos distribuídos em dois turnos e confinados em apenas seis(6) salas de aulas.

No início começou com o ensino primário, isto é da primeira à sexta classe. Ao longo dos anos, foi acrescentando de classe até a implementação completa do ensino secundário do primeiro ciclo.

No ano de 2009, o mesmo ajusta a sua denominação, isto é passa a ser Colégio Padre Builu juridicamente e constitucionalmente. Foi neste mesmo ano que a antiga direção, abdica da coordenação e o Colégio e passa a ser liderada pelo professor

Domingos Cheze Ngimbi, coadjuvado pelo professor Joaquim Januário Gomes sendo este o diretor pedagógico.

Com a ampliação do número levou a continuação dos trabalhos de ampliação das instalações, dando a construção de mais dois andares. Na atualidade o prédio comporta um total vinte e duas (22) salas de aula. Isto fez com que o número de alunos hoje chegasse a mil e trezentos (1.300) distribuídos em trinta e sete (37) turmas, com uma média de 35 alunos em cada uma das turmas.

FIGURA Nº 3 VISTA GERAL DA ESCOLA



## 2.5 – Relação família/escola

A família no Colégio Padre Builu é composta majoritariamente de famílias de classe média. Os pais possuem emprego fixo, alguns habitam em casas próprias e outros em casas de aluguel. Nesta escola, existem majoritariamente pais que trabalham nas plataformas petrolíferas em sistema de turnos - período de 28 dias de trabalho e 28 dias de folga. Alguns atuam no sistema bancário e educacional e

outros são empresários. Pelo perfil das famílias observa-se que a escola atende a um público formado pelos extratos medianos da população em termos de renda financeira.

Alguns dos educandos só encontram-se com os seus pais nos finais de semana ou de noite porque estes passam quase todo o tempo trabalhando. Mas também há quem nem vive com os seus pais biológicos, vivendo sob tutela do (a) avô, do tio, tia, irmão, primo, até amigo do pai ou da mãe, (família alargada e parentesco). Quando há reuniões estes é quem comparecem, quando convocados para uma reclamação ou assinar cadernetas.

Tomando como ideia este sentimento de “valer a pena” pensamos ser importante tentar compreender a problemática da participação dos pais na escola. Para tal começaremos por analisar num primeiro ponto a perspectiva de diferentes autores/investigadores sobre de que formas acontece a participação dos pais na escola, seguida duma análise à legislação que tem regulado a relação família-escola e participação dos pais na vida da escola.

Segundo Nogueira (2005: 574): "Se a família vem penetrando crescentemente nos espaços escolares, a escola também, por sua vez, alargou consideravelmente sua zona de interação com a instituição familiar". Embora pareça que os encontros entre escola e família sejam mais constantes, toda a literatura a respeito do tema afirma que tais momentos são permeados de dificuldades, fato admitido pelos próprios professores que se queixam comumente do despreparo, da ausência e, principalmente, do interesse dos pais pela vida escolar dos filhos. Os pais, por outro lado, costumam afirmar que os horários em que tais encontros são propostos são inadequados e, tantas vezes, inacessíveis.

Tendo como pano de fundo a divisão de responsabilidades no que concerne a educação e socialização de crianças e jovens e a relação que se estabelece entre as instituições familiares e escolares, pesquisas e levantamentos acerca desta relação passam a ser objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia, a Educação, entre outras.

Segundo SZYMANSKY em Neto(2014:18) considera que, relacionar família–

escola, muitos fatores merecem ser levados em consideração. É importante perceber que as ações da família são na maioria das vezes, muito diferentes das ações desenvolvida na escola, principalmente nas classes mais baixas, onde o nível de escolaridade e verbalização torna a participação crítica das famílias algo impossível. Até participam dos encontros realizados nas escolas, mas de forma passiva, apenas escutam o que está sendo dito, recebem notas e reclamações quanto ao comportamento dos filhos e não opinam, já que, muitas, acreditam não acrescentar nada ao ambiente escolar.

Para tanto, no relacionamento escola–família a troca de informações pode possibilitar a descoberta de significados comuns. Com a devida orientação, a família pode encontrar saída para os seus problemas, de forma a possibilitar que suas crianças desfrutem dos seus direitos de liberdade, respeito e dignidade. Dando continuidade ao seu pensamento, a autora diz que os conflitos entre família e escola pode advir das diferenças sociais, valores, hábitos de integração e comunicação subjacente ao modelo educativo.

Considerando as várias perspectivas e abordagens relativas ao tema, os trabalhos e pesquisas sobre a temática da relação família-escola podem ser organizados em dois grandes grupos, denominados enfoque sociológico e enfoque psicológico (Oliveira& Marinho-Araújo, 2010). No enfoque sociológico a relação família-escola é vista em função de determinantes ambientais e culturais. A relação entre educação e classe social mostra um certo conflito entre as finalidades socializadoras da escola (valores coletivos) e educação doméstica (valores individuais), ou seja, entre a organização da família e os objetivos da escola. As famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas disparidades escolares. Seguindo este enfoque, faz-se necessário, para o bom funcionamento da escola, que as famílias adotem as mesmas estratégias de socialização por elas utilizadas.

Assim a representação de modelo familiar certo/correto ganha projeção se naturaliza, tendo a própria escola como disseminadora da ideia de que algumas famílias operam de modo diverso do seu objetivo. Em função dessa divergência, as estratégias de socialização das famílias passam a ser a preocupação da escola, de

forma que essa amplia seus âmbitos de ação, tentando assumir ou tentando substituir a família em sua ampla missão socializadora. Para Oliveira (2010), há uma intenção que passa muitas vezes despercebida nessa tentativa de aproximação e colaboração, que é a de promover uma educação para as famílias tidas como "desestruturadas". O ambiente escolar exerce um poder de orientação sobre os pais para que estes possam educar melhor os filhos e estes, por sua vez, possam frequentar a escola.

Enquanto no enfoque sociológico a família é responsabilizada pela formação moral e social do indivíduo, no enfoque psicológico ela é responsabilizada pela formação psicológica. A ideia de que a família é a referência da vida da criança – o *locus* afetivo e condição *sine qua non* de seu desenvolvimento posterior – será utilizada para manter certa ligação entre o rendimento escolar do aluno e a sua dinâmica familiar, colocando, mais uma vez, a família no lugar de desqualificada (Oliveira, 2010).

Nesse enfoque as razões de ordem emocional e afetiva ganham um colorido permanente quanto ao entendimento da relação família-escola e da ocorrência do fracasso escolar. Ganha status natural a crença de que uma "boa" dinâmica familiar é responsável pelo "bom" desempenho do aluno. As descrições centradas no plano afetivo ganham a atenção dos professores que, com algum conhecimento de psicologia, levam esse discurso para dentro da sala de aula e passam, em um processo naturalizado por todos, a avaliar e analisar o comportamento dos alunos.

Posto desta forma, nota-se que o enfoque sociológico aborda os determinantes ambientais e culturais presentes na relação família-escola, destacando que cabe a escola cumprir as exigências sociais, enquanto o enfoque psicológico considera os determinantes psicológicos presentes na estrutura familiar como os grandes responsáveis pelo desencontro entre objetivos e valores nas duas instituições. Assim, em uma espécie de complementaridade, encontra-se um velado enfrentamento da escola com a família, aparentemente diluído nos grandes projetos de participação e de parceria entre esses dois sistemas, podendo se afirmar que em ambos os enfoques destacam-se dois aspectos principais:

- 1) A incapacidade da família para a tarefa de educadores filhos;

2) A entrada da escola para subsidiar essa tarefa, principalmente quando se trata do campo moral.

A partir destas colocações, vê-se que a relação família-escola está permeada por um movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada, além de estar marcada pela existência de uma forte atenção da escola dirigida à instrumentalização dos pais para ação educacional, por se acreditar que a participação da família é condição necessária para o sucesso escolar (Oliveira, 2010).

Vida familiar e vida escolar perpassam por caminhos concomitantes. É quase impossível separar aluno/filho, por isto, quanto maior o fortalecimento da relação família/escola, tanto melhor será o desempenho escolar desses filhos/alunos. Nesse sentido, é importante que família e a escola saibam aproveitar os benefícios desse estreitamento de relações, pois, isto irá resultar em princípios facilitadores da aprendizagem e formação social da criança.

Diante dos autores revisados, percebe-se a clareza da importância de compartilhar responsabilidades e não transferi-las. A escola não funciona isoladamente, é preciso que cada um, dentro da sua função, trabalhe buscando atingir uma construção coletiva, contribuindo assim para a melhoria do desempenho escolar das crianças. Colaborando com a discussão sobre o tema de nosso trabalho, Saviani (1980, p. 70) tece algumas considerações ao nos dizer que uma boa relação entre a família e a escola tenderá a repercutir favoravelmente no desempenho dos alunos. No entanto, considerada essa questão específica, é necessário verificar que podemos nos defrontar com situações distintas que requerem, portanto, tratamentos distintos. Suponhamos, por exemplo, o padrão tradicional de funcionamento das escolas na forma de externatos em que os alunos ficam na escola uma parte do dia, frequentando as aulas, devendo estudar em casa na outra parte do dia ou à noite. A escola, então, ministraria ensinamentos e passaria “lições de casa” que seriam corrigidas no retorno a sala de aula, dando sequência ao processo ensino aprendizagem.

Bem, numa situação como essa se torna fundamental a cooperação da família. Essa cooperação implica um ambiente minimamente favorável para que as

crianças possam estudar em casa, preferencialmente com o estímulo e a eventual ajuda dos pais ou responsáveis. No entanto, nós podemos nos defrontar com sérios obstáculos a esse modelo, pois há muitas famílias que não dispõem sequer de um espaço no qual as crianças possam estudar, não havendo uma mesa com uma cadeira onde a criança possa sentar e ficar em silêncio manuseando o livro didático e escrevendo sem seu caderno; famílias em que os pais passam o dia todo fora de casa, trabalhando; em que os pais e mesmo os irmãos mais velhos não tiveram acesso à escola e, portanto, não têm condições de acompanhar o desenvolvimento escolar dos filhos ou irmãos mais novos.

Há um conjunto de novos elementos a invadir o espaço família. A escola é um deles. Esta organização entra cada vez mais cedo na vida das famílias surgindo como um complemento e assumindo um papel anteriormente reservado à comunidade em que se inseria (ENGUITA, 2004, p.64). A escola deixa de ter um papel discreto na vida das pessoas e passa a absorver uma parte substancial que pertencia à família.

A instituição família onde, desde os tempos mais remotos, se centrava toda a educação dos mais novos, passou a ser um lugar onde as crianças permanecem menos tempo. A Convenção sobre os Direitos da Criança confirma que a família é o “elemento fundamental da sociedade e meio natural para o crescimento e bem-estar de todos os seus membros e em particular das crianças” (Preâmbulo da Convenção sobre os Direitos da Criança). A importância da família é reconhecida como o lugar onde a educação acontece primeiro; a escola chega mais tarde e não o oposto.

Os pais, ou quem os substitui, surgem como primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos (art. 27.º, 2 da Convenção sobre os Direitos da Criança); os professores aparecem como colaboradores, no sentido de “promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicas, na medida das suas potencialidades” (art. 29.º, 1. Alínea a da referida Convenção) e o Estado surge, em último lugar, como forma de “respeitar e garantir os direitos previstos na presente Convenção a todas as crianças” (art. 2.º,1).

Embora, cientes que a responsabilidade de educar, cabe particularmente às famílias, facilmente percebemos que a realidade social que vivemos torna impossível levar a cabo, com sucesso, essa tarefa sem apoios paralelos. Escola e família, pilares fundamentais da sociedade, mais que medir forças ou viver de costas voltadas, são “duas instituições condenadas a cooperarem numa sociedade [altamente] escolarizada” (PERRENOUD, 1995, p.90).

Se, anteriormente, à escola era socialmente reconhecido o direito de tudo decidir sobre a educação das crianças, competindo às famílias apenas levá-las à escola, atualmente, a família “já não aceita com facilidade uma posição de subordinação obsequiosa perante os professores”, logo nasce um novo problema: “quem controla quem” (ENGUIA, 2004, p.62).

A origem da família, ao contrário da escola, perde-se nos tempos; a primeira é um “grupo natural”, a segunda é uma “instituição artificial e relativamente recente” (Relvas, 2000, p.126). À família é pedido que cumpra duas tarefas: “prestação de cuidados” que consiste na satisfação de necessidades básicas sejam elas físicas ou afetivas, como forma de assegurar a proteção de cada um dos seus membros – função interna; e a “socialização dos seus membros” que consta na iniciação “dos papéis e valores da sociedade em que integram, permitindo a adaptação à cultura que os rodeia bem como a sua transmissão às gerações vindouras (função externa)”. A entrada na escola é o momento de pôr à prova a capacidade da família cumprir a sua função externa, pois surge como “instituição que completa o papel educativo da família” (RELVAS, o.c., pp.113-114).

Segundo Perrenoud (1995, p.90) “na nossa sociedade, o destino de uma família está, em parte, ligado à escolaridade dos seus filhos”. Segundo este autor

Na sociedade atual, a escola ocupa um lugar privilegiado no processo de socialização dos jovens. Na verdade, a escola é o lugar que a sociedade organiza, de forma explícita, para levar a cabo a socialização das novas gerações” socialização essa que não se reporta apenas aos jovens, mas também aos adultos que têm que ver com todo o processo educativo, nomeadamente os pais a quem a escola exige também “um verdadeiro processo de socialização relativamente aos seus papéis e à sua intervenção no processo educativo escolar dos seus filhos

Existe segundo Marques (1993, p.17) “um sentimento geral de que as escolas só podem mudar se desenvolverem fortes laços de colaboração com as famílias e as

comunidades que servem”. Todavia, “o interesse pela criança na totalidade (...) requer que as escolas, as famílias e as comunidades aprendam a trabalhar em conjunto”.

Trata-se, assim, de uma função social da escola, que tem a consciência clara da sua autonomia, das suas margens de liberdade e que se mobiliza para a realização das promessas educativas: promoção educativa de todos e de cada um, capacidade de estimular, orientar, ajudar. E tudo isto, para que se possa obter o que é fundamental na função da escola, isto é, a promoção integral da criança e, simultaneamente, a sua preparação para um futuro profissional que lhe permita o ingresso com sucesso na vida ativa.

Contudo, assiste-se, gradualmente, a uma mudança nesta concepção de relação talvez confrontada com as mudanças que se operam nas famílias (novos conceitos de família) e na própria escola tanto a nível organizacional, como legislativo: „obrigatoriedade “de representantes dos pais nos diversos órgãos da escola e alargamento da escolaridade obrigatória, o que faz com que os alunos permaneçam mais tempo ligados à escola e conseqüentemente as suas famílias. Daí não ser de estranhar que vários autores e estudos apontem a participação dos pais como um ponto fundamental no funcionamento da escola.

Marques (1993, p. 55) afirma haver “enormes vantagens para os alunos quando os pais apoiam e encorajam as atividades escolares”. O autor menciona vários estudos que demonstram que a “participação ativa dos pais na escola não tem efeitos positivos apenas sobre os filhos, mas também sobre os pais e as famílias, sobre os professores e as escolas, e sobre as relações escola-família”. O mesmo autor assevera que “para além da colaboração direta entre pais e professores com metas específicas (...) alguns autores” encontraram “papéis construtivos para a colaboração dos pais (...): prestar atenção ao trabalho de casa, ser tutor em casa, aprender ao mesmo tempo em que os filhos, reforçarem os programas escolares, ser representante nos conselhos de turma, (...) ou exercer trabalho voluntário na escola”.

Em inúmeras circunstâncias a participação dos pais na escola acontece na forma de reunião geral ou de turma, conversa informal, troca de palavras à saída da

escola, encontro na escola ou noutra lugar, organização de festas, espetáculos, convívios, visitas de estudo... Alguns destes contatos acontecem ora por iniciativa dos pais ora por iniciativa dos professores.

Para que os pais participem de forma gradual é necessário estreitar a ligação família-escola de modo a que sintam a escola como um espaço que lhes é acolhedor e sintam eles próprios vontade de contactar com os professores, participar o mais possível na vida da escola, envolvendo-se na educação dos filhos, pois “os pais que se envolvem têm maiores probabilidades de compreender os objetivos dos professores e das escolas e de serem mais apoiantes das mudanças propostas” (MARQUES, 1993, p.79).

Em simultâneo, constata-se que “os esforços para melhorar os desempenhos da criança na escola são muito mais eficazes se as escolas comprometerem as famílias” (MARQUES, 1992, p.77). A norma “escola, é escola, casa, é casa” mencionada por Van Zanten, (1992, p.168), parece vir a diluir-se gradualmente, dando lugar a uma nova concepção de educação baseada na importância atribuída à interação família--escola.

No entanto, até há pouco tempo, e de acordo com Montandon (1994, p.189, família e escola permaneceram alheadas uma da outra, em termos de interações efetivas uma vez que “os profissionais da educação consideravam que os pais não tinham nenhuma autoridade e nenhum lugar na escola”,

Contudo, existem pontos de vista muito diferentes acerca da participação dos pais na escola e são “estas diferenças [que] originam obstruções e práticas que torna muito difícil que a relação de companheirismo entre pais e educadores seja produtiva e efetiva” (Almeida (2006, p.158). Segundo Carvalho (2004, p. 51) se tomarmos como referência a classe social é possível distinguir duas histórias diferentes sobre relação da família/escola.

Uma história é aquela de uma classe que criou o valor da escola de acordo com uma concepção particular (utilitária) de educação: a escola como extensão da família da classe média. Outra história é aquela em que a escola, um modelo de educação não familiar, foi imposta a uma classe como meio de salvação via aculturação. A primeira é a história do sistema escolar credencialista e dos investimentos familiares na competição dos

jovens da classe média por diplomas, enquanto a última é a história do fracasso escolar legitimada pela exclusão socioeconômica.

Segundo Aquino (2007) há uma guerra surda entre famílias e escola no âmbito do sistema educacional privado. Muitos pais consideram os professores como empregados, isto é, como prestadores de serviços. Essa forma de ver a escola gera tensões que tem implicações na relação professor/aluno em sala de aula, na pontuação das avaliações e na aprovação ou reprovação.

Esta ausência dos pais em relação à escola é muitas vezes, interpretada pelos professores como desinteresse pela escolaridade dos filhos, uma vez que, tal como defende Silva (2002, p.119), a invisibilidade de muitos pais dos meios populares na escola não significa necessariamente desinteresse pela escolarização dos filhos, nem ausência de incentivo e possíveis formas de apoio em casa, ao contrário da usual interpretação de muitos docentes”. Muitos destes pais têm uma espécie de “envolvimento invisível”, isto é, não aparecem na escola porque os filhos não têm problemas mas envolvem-se fortemente em casa no apoio aos seus filhos e quando não o fazem é por não saberem.

Parece existir uma ideia preconcebida que os pais são difíceis de envolver o que não corresponde a alguns estudos efetuados, nomeadamente um realizado por Montandon (1994, p.33), em Genebra, e no qual verifica que “poucos pais deixam passar a oportunidade de ir à escola” A mesma opinião é partilhada por Marques (1993, p.57) ao afirmar que “apesar das suas diferenças, todos os pais querem o melhor para os filhos, embora nem sempre conheçam a melhor forma de ajudá-los”

É importante que se fomente uma compreensão recíproca uma vez que embora haja estudos que apontem a pertença social das famílias como fator das suas expectativas face à escola e conseqüentemente das suas práticas educativas (MONTANDON, 1994, pp. 198-201; 1991, p. 121) outros veem nos estilos educativos familiares “o êxito ou insucesso das crianças” (VAN ZANTEN, 1992. pp.164-166).

Tal como afirmam Almeida (2006, p. 223). “se tendencialmente as famílias com níveis escolares elevados têm mais condições para apoiar os filhos escolarmente, isso não significa que haja uma qualquer fatalidade.” Aliás esta afirmação é, de

certa forma, corroborada pelos resultados de diferentes investigações realizadas, entre 2006 e 2007, em Portugal, no ISET (Instituto Superior de Educação e Trabalho). Nestas investigações Almeida (2006, p.32) questionando-se “sobre o peso relativo do que as famílias são (em termos das habilitações escolares) e do que, fazem no campo das práticas e atitudes educativas, conclui que mais importante do que o que os pais têm em termos do diploma, é o que são e o que fazem na interação com os filhos, (Almeida (2006, p.76). Se por um lado, estas conclusões “vêm subverter uma certa cartilha dita, sociológica [que] estabelece uma correspondência quase direta entre nível de habilitações acadêmicas e práticas educativas específicas” (Almeida (2006, p.74), por outro “abre definitivamente caminhos para novos significados das relações entre professores e pais” (Almeida (2006, p.13).

Apesar de tudo, parece que o sucesso dos alunos estará diretamente relacionado não só com as interações que a família estabelece com a escola, mas também com a ajuda, “colaboração” que os pais, em conjunto com os professores, lhe dispensam. A relação Família-Escola tem ganhado visibilidade, havendo já uma consciência alargada, sobre a importância da participação das famílias na vida da escola.

Porém, esta complementaridade “não pode fazer-nos ignorar que existe grande diversidade entre os pais no modo como se relacionam com a escola” (TEIXEIRA, 2003 p.179) pois se para alguns a escolaridade dos filhos constitui uma “experiência feliz” para outros é “um verdadeiro calvário, uma fonte de conflitos e de humilhações” (PERRENOUD, 2001, p.57).

Se na realidade os pais não manifestam interesse em participar pelos mais variados motivos anteriormente apontados, será muito difícil que se envolvam em atividades da vida escolar dos filhos, sobretudo se a escola não lhes tiver feito entender o quanto essa participação é essencial para o sucesso dos seus filhos. De fato, “para conseguir que os membros de uma organização invistam nas interações vitais à organização é necessário que eles sintam que lhes vale a pena” (Almeida 2006, p.160).

De certa forma a escola e a família têm uma semelhança de ajuda na formação do homem do amanhã. Desta forma, procura-se estabelecer uma parceria entre ambos, porque estamos a viver numa época em que as conturbações e desintegrações dos valores são os maiores impedimentos para o ser humano, numa sociedade fundada no egocentrismo e o coletivismo fica suprimido. De modo geral, a escola não pode viver sem a família, e vice-versa, são dois sistemas que não podem ser ignorados, sob pena de prejudicarmos a parte educativa e em particular o ensino e aprendizagem (Neto 2014, p.20).

Envolver os familiares na elaboração da proposta pedagógica pode ser a meta da escola que pretende ter um equilíbrio. É através da interação deste trabalho em conjunto, que tem como objetivo o desenvolvimento do bem estar e da aprendizagem do educando, os quais contribuíram na formação integral deste (Taty & Silva 2011, p.16).

## CAPÍTULO 3

### REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PAIS/ENCARREGADOS SOBRE A ESCOLA

#### 3.1 Direitos e deveres dos pais e encarregados de educação

Segundo (MANTOAN em Púcuta 2013, p13-14), os encarregado de educação devem desempenhar os seguintes papéis:

1. Aos encarregados de educação incumbe, para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder de dirigirem a educação dos seus educandos, no interesse destes, e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos mesmos.
2. Nos termos da responsabilidade referida no primeiro ponto, deve cada um dos encarregados de educação em especial:
  - a) Acompanhar ativamente a vida escolar.
  - b) Promover a articulação entre a educação na família e no ensino escolar.
  - c) Contribuir para a criação e execução do projeto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola.
  - d) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial, quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino aprendizagem dos seus educandos.
  - e) Contribuir para a preservação da disciplina na escola e para harmonia da comunidade educativa, em especial quando forem solicitados.
  - f) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral de todos os que participam na vida escolar.
  - g) Comparecer na escola sempre que é necessário e quando for solicitado.
  - h) Direito de colaborar com os professores no processo de ensino aprendizagem do seu educando.
  - i) Direito de ser convocado e participar das reuniões com o professor titular da turma.

- j) Direito de ser informado no final de cada período escolar, do aproveitamento e do comportamento de seu educando.
- k) Direito a articulação na família com o trabalho escolar.
- l) Direito de conhecer o regulamento interno da escola.

Para além de direitos os encarregados também têm deveres

- a) Dever de acompanhar o seu educando no processo de aprendizagem e de integração na vida escolar, incentivando-o na realização das tarefas.
- b) Deve de ajudar desenvolver hábitos, regras de trabalho e atitudes de cooperação no seu educando (assiduidade, pontualidade, cumprimento das obrigações escolares).
- c) Deve comparecer na escola sempre que solicitado ou por iniciativa própria, no horário previamente estabelecido colaborando na procura de soluções para eventuais problemas que surgem no percurso escolar do seu educando.
- d) Deve de participar nas reuniões de cada período escolar.
- e) Deve assegurar a frequência das aulas e de outras atividades escolares ao seu educando.
- f) Dever de facilitar contatos e pesquisa de informações fora da escola, quando os alunos, para isso, forem solicitados pelos professores e manifestar o desejo pessoal de o fazer.

Para tanto, os sujeitos da nossa pesquisa são os pais/encarregados de educação que fazem parte da comissão do Colégio Padre Builu. A presença da comissão na referida instituição deve-se pelo fato de que dentro das políticas públicas observa-se que na atualidade um investimento massivo do governo para que a escola crie condições para que as famílias possam também participar ativamente na gestão pedagógica e administrativa da escola. Aqui em Angola por exemplo, o governo incentiva que todas as escolas partindo do ensino de base ao ensino médio (fundamental) exista uma obrigatoriedade de haver a comissão de pais e encarregados que sirva de ponte mediadora entre os pais e a escola.

A escolha, deve-se ao fato de serem eles que enfrentam as pressões vindas dos pais para a escola e da escola para os pais. Observamos que esta tarefa não tem

sido fácil visto que as duas alas tem formas diferentes de se posicionar e de considerar o processo do movimento escolar. Para compor as informações buscamos dados nas seguintes fontes: entrevista com o Diretor da Escola; observamos a realização de uma reunião; tive acesso a ata de uma reunião; aplicamos um questionário e entrevistamos três professores.

### **3.2 Sobre a Comissão de Pais e Encarregados**

Para entender como funcionava a Comissão de Pais assistimos a uma e tivemos acesso a ata de outra reunião. Obtivemos também informações sobre o funcionamento da mesma com a Direção da Escola.

A Comissão é composta por 11 pessoas e a Direção da Escola. A organização se estrutura por meio de um presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário, higiene e saúde, recreio e educação e cinco vagas para participação sem cargos. Está em funcionamento desde 2009, mas já mudou de composição por três vezes. A atual está em funcionamento desde 2012. Nas reuniões da Comissão há sempre um membro da escola, quase sempre o Diretor. A comissão por regra deveria reunir uma vez por semestre mas em 2013 reuniram duas vezes no primeiro semestre.

Segundo a Direção da Escola:

A comissão sempre começa mas, nunca termina com o mesmo espírito. Imagina que desde 2009 já se criou 3 comissões que começam e nunca terminam. A comissão atual teve início dos seus trabalhos em 2012 mas, tem sido muito lenta por falta de colaboração dos demais integrantes do grupo. O Presidente e o seu Vice-Presidente têm muita vontade de trabalhar, mesmo eles trabalhando em sistema de turno 28 dias em terra e 28 no mar. Quando folgam estão abarrotados dos seus afazeres mas mesmo assim tudo fazem para responder ao chamado da escola. Mas, o restante dos membros são muito ocupados com os seus afazeres e não se importam muito com o compromisso que assumiram com a escola.

Mas por outro lado o Diretor ressalta as conquistas da Comissão:

Mesmo com seus afazeres eles tem vontade de trabalhar. Imagina que em 2012 criaram dois temas: acompanhamento dos alunos mais franco e criar um ambulatório. O acompanhamento está iniciando, mas o ambulatório ainda não começou.

Nas anotações feitas na reunião realizada em 23 de março de 2013, observa-se que a Direção da escola inicia a reunião dizendo aos pais que é necessário ter mais atenção com os filhos, que muitos pais sequer conhecem os professores, que é preciso colaborar com a escola, que a escola não consegue fazer o trabalho educativo sozinha. Ressalta também a necessidade de manter em dia o pagamento das mensalidades, reclama da ausência e atraso dos alunos. Em seguida informa que as promessas feitas em 2012, equipar a livraria e montar a sala de leitura e informática estão em andamento. Em seguida abre para a manifestação dos pais.

Uma das participantes agradece a escola por sempre ouvi-la quando tem queixas com relação aos professores e na oportunidade informa que tem procurado cumprir com todas as tarefas solicitadas. No final de sua exposição informa que lamenta a situação da sala onde o filho estuda, pois essa é muito quente e sem ventilação. Em seguida outro participante diz que se está acontecendo atrasos o mais adequado seria a escola aplicar a tolerância de 10 minutos, pois assim, os pais acabariam se disciplinando. Um terceiro participante reforça que os pais estão dispostos a colaborar e reafirma a queixa da segunda no que diz respeito a situação das salas – sem ventilação. O quarto participante sugere que a escola crie formas para facilitar o pagamento das mensalidades (por meio de caixa eletrônico, por exemplo) e também instaure formas de sanções para os pais que não cumprirem as regras. Finaliza sua exposição dizendo que ele e a esposa trabalham e que muitas vezes o filho não consegue usar o transporte escolar, pois se esquece da autorização.

Na ata da segunda reunião de 2013, realizada em 13 de abril, com a presença de nove participantes, é citada a falta dos pais, mas observa-se a preocupação dos presentes em estabelecer uma linha de atuação ao assinalarem as atribuições da Comissão como mediadores entre a escola e os pais (Anexo 2). Os temas propostos pela escola – evitar a reprovação, contribuir para implantar o ambulatório médico, cota de participação - assemelham-se as demandas colocadas para pais que estão na condição de plateia. Mas ao final da reunião observa-se nas palavras finais as solicitações dos pais – segurança para os alunos, crítica a atitudes de um professor, ampliar a participação para pais dos alunos dos primeiros anos, solicitação a escola que não mandem os seus filhos cuidarem da limpeza dos

banheiros, dentre outras, - como uma demanda por participação mais ativa no cotidiano da escola.

Observando o conteúdo das falas dos pais nas reuniões foi possível perceber três formas de pensar, sentir e agir com relação a escola. As fronteiras entre elas são tênues, mas indicam que está presente formas diferenciadas de pensar, sentir e agir com relação a escola.

### **Pais e encarregados que mantêm a forma de pensar/sentir sobre a relação com a escola como um espaço distante da família**

Neste grupo, enquadra-se aqueles pais que dão toda a toda responsabilidade a escola. Matricularam seus filhos na escola privada, honram com o compromisso financeiro. Logo, o que acontece dentro do Colégio não tem nada a ver com eles.

Observemos as falas:

Não sei como funciona a Educação Moral e Cívica aqui, porque nota-se que estamos mais preocupados em terminar os programas do que educar as crianças.

Peço que coloquem um terminal eletrônico para pagamento com cartão multicaixa. Pois, eu ou muitos de nós não temos tempo de vir a escola ou suportar as filas dos bancos devido as ocupações.

Eu nem sempre estou em Cabinda e a minha esposa trabalha, o meu menino que aqui estuda é preparado pelo irmão e tem vezes que esquecem de colocar o passe na mochila, ao subir no autocarro é impedido pelo ajudante. Isto é absurdo!

Infelizmente este tem sido o cenário de alguns, para eles a escola é nada mais que um depósito dos seus filhos o resto como comparecerem frequentemente a escola para saberem do desenvolvimento acadêmico dos seus educandos ou ainda contribuir com ideias construtivas, no que tange o processo de ensino e aprendizagem não faz parte do seu cesto de preocupações, não lhe interessa, a escola que faça o que deve ser feito. Estes, são os que não sabem nem querem saber andam completamente alienados dos problemas do seus educandos. Colocam-se como plateia, como simples observadores deste movimento. Isto mostra que o estamos ainda distantes desta aproximação, pais com a escola principalmente pelo fato de ser uma escola privada onde o poder econômico soa mais alto.

### **Pais e encarregados que estão alterando a forma de pensar/sentir/agir sobre a escola na perspectiva de ver a escola como um espaço próximo da família**

Nesse grupo localizam-se os pais que estão procurando entender e construir outra forma de relacionar com a escola. Começam a preocupar com a escola numa perspectiva em que se preocupa com o funcionamento administrativo e pedagógico.

Aderi a este colégio este ano mas já estou gostando da forma como ele funciona e gostaria de saber se a escola conta com posto médico para primeiros socorros (Nteti)

Gostaria de saber os critérios que a escola utiliza para supervisionar as aulas. Os professores são avisados? Sugiro que nem sempre deveriam avisá-los (Kiedica).

### **Pais e encarregados que já estão conseguindo pensar/sentir/agir com a escola numa relação de proximidade com a família**

Nesse grupo estão os pais que se envolvem com a escola, sentem-se atendidos em suas queixas, conseguem ver que os pais têm problemas para cumprir as exigências da escola, mas está também tem suas dificuldades. São pais que apresentam-se com regularidade na escola, que participam nas reuniões de pais, nas atividades da escola para receber informações e dar sugestões.

Agradeço a direção da escola por me prestarem a atenção sempre que faço uma queixa com relação a qualquer coisa. Isto me faz bem. (Matondo)

Como é possível que ainda existem pais que trazem os filhos atrasados. A lei é clara! A tolerância é de 10 minutos e nada mais. (kanga)

Tenho boas referências do Colégio e sugiro que se crie o ensino Médio e de preferência com cursos técnicos. Pois tenho filhos que aqui já passaram e estão em outras escola fazendo o médio (Nzola)

Agradeço as iniciativas da direção deste colégio, pois tudo tem feito para fazer chegar as informações aos encarregados. Quero dizer-vos que os encarregados estão dispostos a colaborar com a escola (Kiesse)

Tornei-me membro da comissão a partir das reclamações e conselhos que dei a eles (Direção), acabaram por incluir o meu

nome neste elenco. Mas, acho que deveríamos ter mais encontros e mais trocas de ideias. (Macalakwaco)

A categorização acima deu-se no sentido de tentar identificar que os sujeitos da Comissão não se constituem em um bloco igualitário. Possuem formas diferenciadas de pensar, sentir e agir com relação a escola. Mas no geral observamos que a participação dos pais na reunião se limita a responder aos questionamentos da escola com relação a pouca presença dos mesmos na vida escolar dos filhos. Nesse sentido, ficamos a pensar que nessa situação os mesmos estão encontrando um contexto pouco estimulador para alterações na forma de como se relacionam com a escola. A atitude culpabilizadora do presidente da associação demonstra que ainda se tem muito a caminhar se o que se deseja são mudanças. Vale ressaltar que a presença de dez participantes na primeira e nove na segunda não pode ser considerada como esvaziada, ou como sinal do desinteresse.

Nesse sentido, considera-se que os pais não encontram na Comissão um ambiente estimulador para alterar suas representações sobre a escola, mas o simples fato de estarem presentes e se expressarem para além dos questionamentos da escola é um indicativo de que também estejam se esforçando para cumprir o seu papel como atores na construção da escola. Registramos que em conversa com um dos integrantes da Comissão fomos informadas que a criação do ambulatório médico e da comissão para acompanhamento dos alunos mais fracos foram propostas pela Comissão.

### **3.3 O que dizem os Pais/Encarregados**

Para tentar compreender com mais profundidade quem são esses pais e como os seus saberes e práticas sobre a escola se articulam aplicamos um questionário e realizamos uma entrevista com três pais. A princípio era realizar essa atividade com pelo menos sete membros, mas somente esses manifestaram interesse em participar. Sendo assim, foi com esses sujeitos que realizamos a pesquisa. Os nomes dos três sujeitos são fictícios.

Tuvanga tem 45 anos, com curso superior completo, casado. É Encarregado. Participa da Comissão há um ano. Maquiad tem 35 anos, superior incompleto, solteiro. É Encarregado tendo atuado na Comissão desde 2012. Macalakwaco tem 35 anos, com curso superior completo, solteira. É mãe biológica de uma aluna. Atua na Comissão há dois anos. Vale considerar que a condição de Encarregado não diminui a responsabilidade da pessoa com relação a educação da criança e do jovem sob sua responsabilidade. Faz parte da tradição angolana a prática da família alargada, isto é, os amigos e/ou parentes assumem as funções paternas e maternas, incluindo a garantia da educação escolar.

Pais	Idade	Gênero	Escolaridade	Estado civil
Tuvanga	45	Masculino	Superior completo	Casado
Maquiad	35	Masculino	Superior incompleto	Solteiro
Macalakwaco	35	Feminino	Superior completo	Solteira

Quadro 2 – Perfil dos entrevistados

Tuvanga foi eleito na reunião da direção com os pais. O nome dele foi proposto pela Direção da Escola. Mas não se sente satisfeito.

Em sua opinião os pais não estão se envolvendo, não atendem aos chamados da Comissão para discutir as questões relacionadas a vida escolar dos filhos:

Por outra, na nossa cultura a comissão de pais não é sempre bem vista pelos pais, porque eles acham que pagam as mensalidades dos filhos e nada mais; Não se interessam com a importância da comissão. Existem pais que só vão à escola no princípio do ano para matricular, pagar a mensalidade e no final afim de ver os resultados. Em Angola os pais não assumem as suas responsabilidades, não há ligação deles com a escola, poucos são os que conseguem manter este contato.

A Comissão por sua vez não está trabalhando bem, os membros parecem não ter as habilidades necessárias para desempenharem a função:

A vida da comissão não está boa porque os membros não tem disponibilidade de levar avante os objetivos da mesma. Falta de educação por parte destas pessoas eleitas! Se elas assumem que vão trabalhar então devem materializar o compromisso ou então deve-se colocar pessoas que realmente querem trabalhar.

Como membro da comissão não me sinto satisfeito porque a mesma não honra com o seu verdadeiro papel, são pessoas que possuem pouco tempo para se reunir, estão mais preocupados com os seus haveres.

Há também queixas com relação ao Presidente:

Por mim aquele presidente deveria sair!

Tuvanga demonstra um entendimento de que a Comissão limita a liberdade de expressão dos seus membros.

Eu por exemplo não estou para agradecer as pessoas, a escola (direção), já me conhece acho que foi por isso que me escolheram para fazer parte da comissão. Eu trabalho num lugar onde há liberdade de expressão. Então, o que não funciona eu falo e pronto!

Por isso indica uma atitude que considera como o mais acertado no momento

Eu estou em vias de pedir a minha demissão!

O mal-estar de Tuvanga a princípio pode parecer um problema, mas pode também ser interpretado como uma pessoa que está se sentindo incomodado com o lugar que está ocupando. Parece não aceitar o papel de plateia. Suas críticas são dirigidas a omissão dos pais, mas também a pouca experiência dos membros em atuarem como atores e ao presidente que não atende suas expectativas. Ao indicar a possibilidade de sair da Comissão está efetivando o caminho possível para uma situação que já compreende, isto é, incomoda-se com a Comissão, pois o funcionamento não atende suas expectativas.

Nesse sentido, pode-se inferir que já vivencia o estranho, não pelo que representa a Comissão, mas pelo que ela impede de acontecer. Por isso sua insatisfação. Não encontra um ambiente que possa alimentar a compreensão que está construindo sobre o lugar dos pais na vida da escola.

Maquiad, falando de como se sente como membro da Comissão:

Na verdade me sinto mal, estou cansado. Por mim esta seria a última reunião.

Ao justificar seu estado de ânimo faz referências aos membros da Comissão:

Os membros não colaboram. São muito ocupados com os seus afazeres e não tem tempo para participarem dos nossos encontros. São de poucas ideias, não são criativos, não mostram vontade, tem sempre desculpas quando convocados para uma reunião.

Sugere que se deve fazer mudanças na constituição da Comissão:

Mudar a Comissão, colocar outras pessoas.

Inquieta-se com o funcionamento:

A Comissão sempre começa, mas nunca termina com o mesmo espírito. Imagina, desde 2009 que estou aqui. Já criamos três comissões.

São de poucas ideias, não há criatividade neles, tem muitas desculpas! Acho melhor mudar a comissão, colocar outros que sabe as coisas mudam.

Maquiad, sente-se incomodado com a prática da Comissão, mas assume o discurso da escola como a causa dos problemas ao indicar os pais como os responsáveis pelo mau funcionamento. Sendo assim, encontra-se insatisfeito, mas ainda não consegue sair do eixo explicativo que foca os pais como os culpados pelo fraco funcionamento da Comissão.

Macalawaco, está na Comissão desde o início do seu funcionamento:

Me tornei membro na 1ª reunião. A partir das reclamações e conselhos que dei a Direção, incluíram meu nome na Comissão. Reclamei porque a lancheira da minha filha havia sumido e a escola não tinha providenciado para encontrar.

Ela tem opiniões concretas sobre o que pode ser feito para melhorar a escola:

Os professores devem acompanhar os seus alunos até o pátio.

É bom que se faça seminários e palestras.

A escola pode ou deve criar uma biblioteca.

Com relação a Comissão sua proposta é que:

Deve haver muitos encontros e muita troca de ideias.

Macalakwaco, sente-se confortável como membro da Comissão. Sua entrada foi antecedida de uma tomada de posição, isto é, de um questionamento feito à escola. Nesse sentido, o convite para o ingresso significou um reforço ao seu desempenho. A escola, ao convidá-la para se integrar a Comissão demonstrou que estava valorizando atitudes de críticas. De certa forma ela já integra a Comissão na condição de uma pessoa que está buscando uma participação ativa e próxima da escola.

Com relação aos demais membros da Comissão podemos inferir que Maquiad estaria mais próximo do primeiro grupo, isto é, percebe a escola como um espaço distante da família. Tuvanga poderia ser indicado para o segundo grupo, à medida que, mesmo perdendo o ânimo com a Comissão percebe que a mesma pode estar mais próxima da família. Seu desânimo pode estar justamente no fato de que não vê na prática da Comissão as condições para que isto aconteça. Macalakwaco aproxima-se do terceiro grupo. Mesmo porque já integra a Comissão como alguém que já se coloca como parceira da escola. Tem opiniões sobre como a escola pode melhorar. Sente-se uma participante ativa e vê saídas para o bom funcionamento na realização de muitos encontros para que aconteça troca de ideias.

## CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A partir do objetivo geral dessa dissertação que é identificar, sistematizar e analisar as representações sociais dos pais e encarregados de educação sobre a Escola Padre Builu, localizada em Cabinda/Angola, apresentamos aqui as conclusões sobre os resultados da nossa pesquisa assim como elencamos possíveis consequências que possam advir em função das constatações apuradas ao longo da nossa pesquisa.

Na análise da literatura parece-nos poder concluir que a escola e as famílias continuam ainda longe de um nível desejável de cooperação na formação das gerações mais novas. A escola passou a achar a intervenção dos pais na vida escolar das crianças de extrema importância, só que para concretizar esse objetivo ofereceu-lhes um tipo de participação limitada. A literatura indica ainda que cabe à escola tomar a iniciativa de envolver as famílias na vida escolar dos filhos, uma vez que se o sucesso educativo é um desafio para a escola e a família, cabe a escola preencher o hiato que ela mesmo construiu ao longo de sua história. Deve, no entanto, ter-se em conta, que as famílias são diferentes, devendo a escola e os professores estar atentos, sobretudo às diferenças culturais, étnicas, de origem social e de níveis de escolaridade, pois nem todos os pais se sentem igualmente à vontade na escola e nem todos estão preparados para se envolverem na escolaridade dos seus filhos.

A relação escola família na escola na Escola Padre Builu, podemos caracterizar ainda por pouca participação dos pais e encarregados de educação no acompanhamento e intervenção dos seus educandos no dia-a-dia, normalmente a comissão de pais e encarregados de educação reúnem para debater os problemas dos seus educandos por semestre o que não permite acompanhar e cumprir com os objetivos pelos quais foram criados.

Pelos dados obtidos podemos concluir que a Escola tem se esforçado para fazer a Comissão funcionar. O fato de convidarem pais que fizeram algum tipo de reclamação é indicativo do tipo de grupo que desejam. Buscam pais que

demonstram uma posição mais crítica, que já se aproximam da escola com questionamentos. Essa decisão é de certa forma um estímulo para outros pais, visto que na tradição da cultura escolar os filhos dos pais que reclamam ficam marcados pela escola. No caso da Escola Padre Builu esses pais são convidados para contribuírem na gestão da escola. Esta é sem sombra de dúvida uma postura ousada e que certamente gerará desdobramentos positivos ao longo do tempo. Os pais podem ver nessa decisão da escola uma valorização da atitude de crítica, de questionamento e de participação por parte deles. Sendo assim, podem ir aos poucos rompendo com o padrão cultural de que a escola não gosta de pais que reclamam.

Com relação ao funcionamento cotidiano da Comissão registra-se a escassez de reuniões, duas por ano, mas observa-se que existe uma participação qualificada por parte dos seus membros. As intervenções de cada um possibilitaram uma análise das suas formas de pensar, sentir e agir com relação a escola marcadas pela diferença. Existem pais que já percebem a escola com mais proximidade e outros que ainda veem a instituição como apartada da família. Mas vale registrar o envolvimento de todos com o desafio proposto.

Observa-se nas com os pais e encarregados da comissão um desânimo com o processo de funcionamento da Comissão, e que ao mesmo tempo podem se sentir mais ativos em função de uma postura anterior de maior proximidade com a escola, que no caso era uma situação de crítica. É possível conjecturar sobre o vínculo socioeconômico dos pais e o envolvimento com a Comissão, mas não se percebe nos dados encontrados uma relação onde está presente uma compreensão da educação como mercadoria. Os pais quando indagam da escola não fazem referência a uma prestação de serviços. Pelo contrário, afirmam o valor e a importância que a escola tem para a formação dos seus filhos.

Com relação as representações sociais, isto é, as formas de pensar e sentir dos pais diante do desafio de atuarem como atores em um contexto onde historicamente foram considerados como plateia percebemos que, dentre os pais observados na reunião da Comissão e daqueles que foram entrevistados a existência de um pequeno grupo que ainda mantém uma visão da escola como

distante. Os demais, em maior ou menor intensidade, estão se esforçando para compreender e atuar como sujeitos ativos e colaboradores na construção da escola.

Dentre os fatores que contribuem para esse processo foi-se possível ver uma atuação expressiva da escola. A prática da escola em incentivar a participação de pais que demonstram uma postura crítica desconstrói padrões já enraizados na cultura escolar. Essa é sem dúvida uma prática que pode contribuir para alterar representações já consolidadas sobre a relação da família com a escola. Isto porque historicamente predominam saberes que desmotivam atitudes relacionadas a queixas, notadamente contra professores. Considera-se que pais que fazem reclamações não são bem vistos e que seus filhos ficam *marcados*. Certamente a escola, ao valorizar pais que assumiram essas atitudes contribui para quebrar valores e crenças já consolidadas. De certa forma atua como um agente que pressiona para mudança, não somente dos pais que são membros da Comissão, mas também de todos os pais da comunidade escolar.

Na realidade angolana a escola é para uma expressiva maioria da população, principalmente para os extratos médios, uma possibilidade de aprender os caminhos para construção de uma sociedade estável em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. Sendo assim, observa-se tanto nas escolas públicas como nas escolas privadas um empenho concentrado para que o processo educacional seja capaz de cumprir o seu papel.

Concluindo podemos afirmar que o caminho ainda é longo na medida em que ainda deparamos com pais que ainda tem uma longa trajetória para que possam elaborar uma compreensão da escola como um espaço mais próximo no que diz respeito a educação dos seus filhos. No entanto observamos que a participação na Comissão pode ser um caminho relevante no sentido de apressar esse processo, visto que os desafios ali colocados, bem como o acesso a informações sobre as políticas públicas e as propostas desejadas pelo sistema escolar podem ser facilitadores para as mudanças.

Para futuros estudos seria importante estabelecer comparações do envolvimento dos pais, visto que, esse é um ponto complexo no sistema de relações familiares

em Cabinda/Angola. Há poucos estudos sobre o assunto e podem-se levantar questões sobre a relação entre o tipo de vínculo e o envolvimento com a escola.

Outro estudo interessante seria compreender com maior profundidade as ações da escola no que diz respeito a relação com os pais. Apesar da política pública que incentiva a participação e da presença no discurso do diretor da importância da mesma observa-se também que está presente uma culpabilização da família como responsável pela não efetivação de relações mais estreitas entre família e escola.

Conclui-se esse trabalho na certeza que há muito por compreender, mas na expectativa de que possa contribuir para o avanço e fortalecimento do papel da escola na construção da sociedade de Cabinda/Angola. Isto porque no cenário pesquisado observa-se que escola e pais estão tentando, arriscando e buscando encontrar alternativas e novas formas para criar práticas que possibilitem o diálogo entre a escola e a família.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, J-C. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.155-171.

AGENCIA LUSA. (23- 09- 2004). Angola: **Reforma do sistema educativo até 2011 para melhorar a qualidade do ensino**. Acessado em <http://noticias.uol.com.br>. Acesso em 5 de maio de 2013.

ALMEIDA, Ana Nunes; VIEIRA, Maria Manuel. **A Escola em Portugal**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2006.

ALVES, Martins. **Educar para a Felicidade da Família**. Portugal. Editora Perpétua Socorro. 1996.

ANGOLA. ASSEMBLEIA NACIONAL COMISSÃO CONSTITUCIONAL. **Constituição da República de Angola** (projeto final - 13 de Janeiro de 2010).

ANGOLA. DIRECÇÃO PROVÍNCIAL DA FAMÍLIA E PROMOÇÃO DA MULHER. **Brochuras Sobre a Família**. Cabinda. 2002.

ANGOLA. Lei de base 13/1, Dezembro, 2001. **Lei da reforma educativa**. Luanda-Angola

ANTUNES-ROCHA. M.A. **Da cor da terra**: representações sociais de professores sobre os alunos no contexto da luta pela terra. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2012.

AQUINO, Júlio G. **Família**: modos de usar. São Paulo: Editora Papyrus, 2007.

AQUINO, Lucimar V. **Representações Sociais de Educandas e Educandos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo sobre a Leitura de Textos Acadêmicos**. Belo Horizonte. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2013 (Dissertação).

ARAÚJO, Maria Isabel Pires. **Representações Sociais da Escola e da Família: uma perspectiva de pais numa escola de ensino básico**. Dissertação de Mestrado, Portugal. 2008.

CARVALHO, Ma. Eulina P. De. Modos de educação, gênero e relações escola/família. In **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n.121. jan. abril. /2004

DELORS, Jacques. **Educação: Um Tesouro Total**. São Paulo: Cortez, 2001. (Relat. Para a UNESCO).

DOISE, Willem. **Da Psicologia Social à Psicologia Societal**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 18, n. 1, p. 27-35, 2002.

ENGUITA, M.F. A educação e a mudança social. In: ENGUITA, M.F. **Educar em tempos incertos**. Porto Alegre: Artmed, p. 13 – 25, 2004.

GASPAR, P. & DIOGO, F.(2010). **Sociologia da educação e administração escolar**. Gestão e Melhoria de Processos. Acesso em <http://convergir.com.br>. Acesso em 14 de Março de 2013.

JODELET, D. **Les Representations Sociales**: Um domaine en expansion: Presses Universitaires de France.1989.

LIBÂNIO, J.C. OLIVEIRA, J. F. Toschi. M. S. (2005). **Educação Escolar: Política, Estrutura e Organização**. 2ª edição. SP: Cortez. (Coleção docencia em formação).

MARQUES, R., (1993). Envolvimento dos pais e sucesso educativo para todos: o que se passa em Portugal e nos Estados Unidos da América”, in DAVIES, D., et al; **Os professores e as famílias** – a colaboração possível Lisboa: Livros Horizonte.

MENEZES, Luciane de S. D. **Representações Sociais sobre a educação do campo Construídas por educandos do curso de licenciatura em educação do campo**. Belo Horizonte. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2013 (Dissertação).

MONTANDON, C. e PERRENOUD, P., “Entre **Parents et Enseignants**: Un Dialogue Impossible?”. Berna: Peter Lang PERRENOUD, P., (1994). “

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Tradução: Pedrinho. A. Guareschi. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NETO, Lusia de Fatima. **Estratégias de acompanhamento escolar dos pais aos alunos da 3ª classe, turma C e D regular da escola primária nº 203 Sagrada Esperança em Cabinda no ano 2012**. Cabinda. Faculdade de Educação. Universidade 11 de Novembro, 2014 (monografia)

NOGUEIRA, Maria Alice. **Relação Família – Escola**: novo objeto na Sociologia da Educação. Apostila de Sociologia da Educação. UFMG. 2005

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista & MARINHO-ARAÚJO Claisy Maria. **A Relação Família-Escola: Intersecção e desafios**. Campinas.Janeiro.2010.

PERRENOUD, P., “Entre pais e professores um diálogo impossível”. Oeiras: Celta Editora, pp.13-28, 2001

PÚCUTA, Gilberto Zinga. **A preparação dos encarregados de educação na aprendizagem dos seus educandos na 7ª classe regular, turma C4 Escola do I Ciclo do Ensino Secundário Cabassango II, 2013**. Cabinda. Faculdade de Educação. Universidade 11 de Novembro, 2014 (monografia)

Relvas, A. P; Alarcão, M. **Novas formas de família**. Coimbra: Quarteto Editora. 2002

RITA, Lima et all. **Qualidades Saudosismo: Representações sociais dos pais sobre a escola**. Psicologia da educação, 2008.vol 27, 2º sem. São Paulo.

RUIZ, Alfredo. **Psicologia do casal e da família**. S.P: Edições Paulinas, 2007.

SÁ, C. P. **A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SÁ, Virginio. **A Participação dos Pais na Escola Pública Portuguesa**. Uma abordagem sociológica e organizacional. Instituto de educação e Psicologia. Centro de Investigação em Educação. Braga: Universidade de Aveiro, 2004

SANTIAGO, Rui A.**A escola representada pelos alunos, pelos pais e pelos professores**. Aveiro Universidade de Aveiro. 1997.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1980.

SILVA, J., **Análise social e organizacional da educação**. Lisboa: ESE de Lisboa,2002

TATY, Alexandre & SILVA D Antônio. **Propostas de estratégias para melhoria humana das relações entre escola, família e comunidade: Caso da escola do 1º Ciclo Cabassango II, 2011**(monografia).

TEIXEIRA, S. **Gestão das Organizações**.2ª edição. Editora McGraw-Hill, 2003.

VALA, Jorge. **Representações Sociais e psicologia Social do Conhecimento do Quotidiano** in Maria Benedita Monteiro. Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

VAN-ZANTEN, A. H. Les familles face à l'école - rapports institutionnels et relations sociales. Em P. Durning (Org) **Education familiale**: un panorama des recherches internationales. (pp. 185-207) Paris: MIRE/Matrice, 1988.

YOBA, Carlos Pedro Claver; CHOCOLATE, Francisco António Macongo **A educação Social das Famílias em Angola**. *Cielo* 2010.



### **Apêndice A- perfil do (a) encarregado (a)**

Linha de Pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação

Grupo de Estudos em Representações Sociais - GERES

A v. Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, Sala 1624- Fone: 3409-6179

#### **PESUISA: Um estudo sobre as Representações sociais dos pais Encarregados de Educação do Colégio Padre Builu em Cabinda/Angola - Relação Família Escola**

Este questionário tem como finalidade a recolha de dados para a elaboração do trabalho de dissertação que será realizado por Ana Esperança Futi Bambi Ambrósio para obtenção do título de Mestre sob a orientação da Prof. Dra. Maria Isabel Antunes – Rocha. Por isso pedimos a vossa maior compreensão e colaboração em ajudar-nos na obtenção desses dados.

Com esta pesquisa, pretende-se desenvolver uma investigação sobre a relação estabelecida entre a escola – família, em uma escola pública que oferece o ensino primário isto é, da 1ª classe à 9ª classe. Por meio deste estudo, também, tem-se a intenção de verificar como a escola demanda a presença dos pais/encarregados de educação e como os pais respondem a essa demanda.

O trabalho de pesquisa a ser realizado terá como procedimento metodológico a observação de algumas reuniões, análise de documentos (atas), questionários e verificar – se – á a possibilidade de nos concederem algumas entrevistas com alguns membros da comissão de pais/encarregados de educação.

Fica garantido, por meio deste documento, o sigilo e a privacidade do sujeito quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Destacamos que, caso surjam quaisquer problemas, os pais puderam contatar o pesquisador Ana Esperança Futi Bambi Ambrósio, tendo os contactos telefônicos +244924441296 /+ 244916016794 ou o Comitê de Ética da UFMG: Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º (segundo) andar, sala 2005, telefone 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Solicitamos a priori que leia atentamente todo o questionário e depois de compreendido, preencha o espaço tracejado e **assinale um x dentro de um quadradinho** que achares pertinente. Antecipadamente agradecemos a vossa compreensão e colaboração.

### QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS PAIS

Nome: \_\_\_\_\_

1 - Gênero: M ( ) F ( )

2 - Estado civil: casado(a) ( ) Solteiro ( ) Divorciado(a) ( ) Viúvo(a) ( )

3 - Grau de escolaridade:

Ensino primário ( ) Ensino primário incompleto

( ) Ensino básico ( ) Ensino básico incompleto

( ) Ensino médio ( ) Ensino médio incompleto

( ) Ensino superior ( ) Ensino superior incompleto

( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

4- Qual função ocupa neste colégio? \_\_\_\_\_.

4.1- A quanto tempo? \_\_\_\_\_.

5- A quanto tempo faz parte da comissão de pais/ encarregados de educação?

6 - Como caracterizas as relações da escola com os pais/encarregados de educação:

a) Boas ( ) b) Más ( ) c) Razoáveis ( )

7-Como caracterizas a relação dos pais/encarregados com a escola:

a) Boa ( ) b)Má ( ) c) Razoável ( )

8 – Como você veio a participar da reunião dos pais/encarregados?

---

---

---

---

---

9- Quantas vezes participou das reuniões dos pais/encarregados de educação da escola em 2012 à 2013?

a) 2012\_\_\_\_\_.

b) 2013\_\_\_\_\_.

10 - Das reuniões que já participou os temas abordados foram propostos pela

( ) direção da escola ( )†pelos pais ( )†professores ( )†outros

11 - Quais foram os temas abordados?

---

---

---

---

---

15 – Gostaria de acrescentar alguma informação:

---

---

Agradeço sua cooperação,

Ana Esperança Futi Bambi Ambrósio

## **Apêndice B - Roteiro de Entrevista**

### **Roteiro da entrevista com os membros da comissão de pais e com o diretor da escola**

- 1- A quanto tempo tem o seu (os) filhos nesta escola?
- 2- Como foi o início da sua relação com a escola?
  - 2.1- Como é agora?
- 3- Como tornou-se membro da comissão?
- 4- Se fosse possível o que faria para melhorar a escola?
- 5- Como se sente como membro da comissão?
- 6- Tem alguma sugestão para melhorar o funcionamento da comissão?

**COLÉGIO PADRE BUILU**  
(Fé e Ciência)  
ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DO 1.º CICLO  
CABINDA – ANGOLA

**I REUNIÃO DA DIRECÇÃO COM OS PAIS E ENCARREGADO DE EDUCUCAÇÃO**

**ACTA Nº 01/2012**

No pretérito dia VINTE E CINCO do mês de FEVEREIRO do ano DOIS MIL E DOZE, sábado, por volta das nove horas e quinze minutos, teve início a primeira assembleia do Colégio, entre a Direcção e o colectivo dos Pais e Encarregados de Educação. A referida assembleia foi presidida pelo senhor Domingos Maria Cheze Ngimbi, Director do Colégio, ladeado pelo senhor Joaquim Januário Gomes, Subdirector Pedagógico, e teve a seguinte agenda de trabalho:

1. Oração Inicial e Apresentação da Mesa
2. Considerações sobre o Ano Lectivo 2012
3. Diversos
4. Conclusões e Oração Final

O senhor Domingos Maria Cheze Ngimbi depois de ter pedido desculpas pelo atraso que começou a reunião devido a ausência, por razões de saúde, do Moderador e Secretário da Mesa, o senhor Via Gime João Baptista, dirigiu a oração inicial e prosseguiu com a apresentação da Mesa.

Dando a prossecução da agenda de trabalho, teceu algumas considerações inerentes ao cumprimento dos prazos para o bom êxito do Ano Lectivo em arranque. Em primeiro lugar, considerou a higiene pessoal e escolar dos educandos, o comportamento e o acompanhamento dos educandos por parte dos pais e encarregados de educação como temas por abordar neste ponto. Foi neste contexto que começou por apelar aos presentes que instruissem os educandos a terem boa higiene a fim de manterem uma higiene sadia no Colégio para o bem comum. É neste sentido que pediu aos pais ou encarregados de educação de velarem pelo estado higiénico do vestuário dos educandos, mesmo quando velho. Quanto ao comportamento, recordou aos pais e encarregados de educação que a nobre tarefa de educar parte de casa e o Colégio ou seja a escola apenas complementa. Deste modo, os pais e encarregados de educação devem ensinar aos filhos ou educandos as boas maneiras de convivência social em casa, na rua, no autocarro, na sala de aulas, ou seja, na escola. Quanto ao acompanhamento, frisou ser importante acompanhar o evoluir do aproveitamento do educando no processo ensino aprendizagem. Precisou ainda que o acompanhamento começa no acto da matrícula, na frequência das aulas, execução das provas, verificação e assinatura das Cadernetas do Aluno, corte de cabelo ou penteado e até no vestuário. E quanto ao vestuário, citou o exemplo da sua filha que tinha sido surpreendida por ele com roupa curta na escola quando em casa tinha iludido o pai sair com roupa bem decente.

Em seguida, debruçou sobre o cumprimento dos prazos, facto que tem sido um “calcanhar de Aquiles” por parte dos pais ou encarregados de educação e do Colégio, no que

**COLÉGIO PADRE BUILU**  
(Fé e Ciência)  
ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DO 1.º CICLO  
CABINDA – ANGOLA

concerne as reconfirmações, matrículas e pagamentos das propinas escolares e do transporte. Foi neste ponto que pediu encarecidamente aos pais e encarregados de educação de serem mais pontuais no cumprimento dos prazos estabelecidos a fim de contribuírem para o bom funcionamento do projecto escolar ao qual estão todos, directa ou indirectamente, imbuídos. Disse ainda que só assim se pode evitar consequências drásticas aos educandos, como por exemplo a falta do nome na lista da turma, a suspensão deste das aulas por falta de pagamento, etc. A seguir à estas considerações também disse que, em função das aulas que vão até Dezembro para os alunos da 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> classe, vai se proceder à cobrança da propina referente à este mês. O valor por cobrar será corresponde a 10% (dez por cento) do valor pago anualmente. Terminou a sua explanação fazendo um convite voluntário aos pais e encarregados educação presentes de fazerem parte da Comissão de Pais e Encarregados de Educação, algo que há três anos de mandato não consegue realizar, lamentou. Ao convite feito pelo Director, apresentaram-se sete pais e encarregados de educação, nomeadamente: Pascoalina Cungi Luemba, Domingos Macaia, Simão Silvestre Chimbungo, Anastásia Lembe Muanda, Alberto António, Tomás Ivaba e Casimiro Necune.

Chegados ao ponto dos diversos, deu-se a palavra à plateia e subscreveram-se sete na seguinte ordem: Pascoal Macosso, Domingos Macaia, Maria Lúcia, Filipe Moreira, Domingos Luís Tati, Inácio Preso e Anastásia Lembe.

O senhor Pascoal Macosso ao tomar da palavra lamentou a falta do sinal da cruz na oração dirigida pelo senhor Director, na qualidade de católico e numa instituição católica. Prosseguindo, mostrou-se preocupado pelo atraso da venda do uniforme. O seu maior desagrado é o facto de ter-se sugerido na reunião passada algumas modalidades de aquisição, como por exemplo a indicação de um local onde ser adquirido fora do colégio, que a instituição ainda não se pronunciou a respeito. Outrossim, sugere de se emitir e entregar os passes no acto de matrículas a fim de se evitar infiltrados que acabam criando enchentes nos autocarros. Por fim, pede reavaliação do valor acrescido aos alunos da 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> classe, tomando em consideração apenas os dias de frequência às aulas e provas ao longo do mês de Dezembro.

Ao passo que o senhor Domingos Macaia, ao tomar da palavra, pediu que as condições higiénicas das casas de banho fossem melhoradas, providenciando água canalizada, portas com fechos, mais limpeza nas mesmas, como também no pátio. De tal modo, sugeriu também que fossem postos bebedores em vários cantos do Colégio ao invés de se fazer uso do tanque ou recipiente posto ao relento. Também falou da falta do uniforme, facto que o preocupa bastante por tratar-se do equipamento que o educando deve usar para identificar-se como aluno deste Colégio. Nesta senda, pede à Direcção maior atenção neste aspecto. Observou, por outro, que há insegurança no corrimão das escadas, dizendo que falta uma madeira por cima deste, de modo a proporcionar maior conforto à mão sem que esta corre perigo de ferir-se.

A senhora Maria Lúcia ao fazer uso da palavra que lhe foi concedida, lamentou muito pelo facto de alguns professores pedirem aos alunos de investigarem matérias na internet, de o professor de Informática ter exigido aos alunos de serem portadores de computadores que nem

**COLÉGIO PADRE BUILU**  
(Fé e Ciência)  
ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DO 1º CICLO  
CABINDA – ANGOLA

todos têm possibilidade de possuir, como também de certos professores administrarem matérias que nem saíam nas provas. Também lamentou sobre a hora de saída do último tempo que não corresponde com aquela da saída dos autocarros do pátio, facto que já criou embaraços ao seu educando. Por fim, pediu maior coordenação com as outras escolas missionárias vizinhas na marcação dos encontros do género, a fim de se evitar constrangimentos para muitos pais e encarregados de educação que têm educandos em duas ou mais escolas congéneres.

? Ao invés, o senhor Filipe Moreira começou por encorajar os membros da Comissão de Pais e Encarregados de Educação de trabalharem afincadamente para o bem da comunidade escolar. Prosseguindo, sugeriu que a Direcção se preocupasse pela aquisição e venda de material escolar como livros, cadernos, lápis e outros a fim de ajudar os educandos na aprendizagem das matérias. Também sugeriu que fosse criada uma sala de leituras ou ainda uma biblioteca escolar a fim de proporcionar maior interesse nos estudos dos educandos.

O senhor Domingos Luís Tati, por sua vez, lamentou bastante o facto de ter reconfirmado a tempo a matrícula do seu educando e este até a data da reunião não ter o nome nas listas de constituição das turmas, mesmo dirigindo-se à Secretaria com a devida reclamação. Pede solução do caso à Direcção o mais rápido possível.

Ao passo que o senhor Inácio Preso mostrou a preocupação de como as crianças têm sido transportadas de e para casa. Pediu a Direcção de se mobilizar com todos os esforços necessários para que os educandos não andem como prisioneiros. Também sentiu-se preocupado pelo estado de segurança do Colégio, por exemplo, a falta de extintores nos corredores. De igual modo, demonstrou a preocupação no que toca a sinalização que possa indicar a presença de escolha e/ou um quebra molas a fim de obrigar os automobilistas a abrandarem a sua marcha na proximidade do Colégio.

Por fim, entreviu a senhora Anastásia Lembe que, sentindo-se ultrapassada por inúmeras questões apresentadas pelos colegas, procurou apenas saber se haveria ainda possibilidade dos seus sobrinhos usufruírem dos transportes escolares visto que até ao momento não tenha assinado algum contrato de transporte para eles.

O Director ao retomar da palavra começou por agradecer pelas pertinentes questões e sugestões apresentadas. Daí subdividiu as questões em categorias, a saber: Segurança, Higiene, Transporte Escolar, Uniforme, Passes Escolares, Horário e Sala de Leituras. Feita esta distribuição por categorias, respondeu:

- Quanto a segurança, disse ainda ter os problemas com o corrimão, a falta de sinalização e de extintores, mas confirma que a direcção tem se mostrado preocupado pela mesma, pelo que, se constatarem obras de melhoria da situação nas suas estruturas. Lembrou ainda que o Colégio já se dirigiu à Administração Municipal e Viação e Trânsito a fim de pedir a colocação de sinais de trânsito e um ou mais quebra molas nas imediações, mas ainda se aguarda pelo bom êxito. Entretanto, promete melhorias neste sentido nos próximos dias;

**COLÉGIO PADRE BUILU**  
(Fé e Ciência)  
ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DO 1.º CICLO  
CABINDA – ANGOLA

- No que concerne a higiene, assegurou aos pais ou encarregados de educação de que o Colégio, apesar de não ser o melhor neste sentido, tem tido os quartos de banhos em condições aceitáveis para o uso a qualquer indivíduo, como também garantiu de que “os cestos de lixo que se encontram no pátio têm sido esvaziados e lavados logo após os intervalos maiores de cada turno”. Foi nesta óptica que apelou aos pais e encarregados de educação de educarem e instruírem os seus filhos ou educandos de fazerem sempre um bom uso dos quartos de banho de casa e, por conseguinte, aqueles do Colégio para uma boa saúde pessoal e colectiva;

- No que toca ao transporte escolar, frisou que o colégio teve que limitar o número de usuários, a pesar deste se dispor de um novo meio de transporte. Entretanto, assegurou de que a Direcção está a fazer os possíveis a fim de minimizar as dificuldades desta área tão importante para o bom funcionamento do colégio. Aliás, ele está ciente de que muitos pais ou encarregados de educação procuram o colégio próprio porque este tem transporte para a deslocação dos seus educandos de e para casa. E sobre a possibilidade ou não de readmitir novos usuários de transportes, pediu calma e um pouco de tempo aqueles pais ou encarregados de educação que ainda não se dispunham de um contrato de transporte para os seus educandos, a fim de permitir a Direcção de fazer um levantamento cabal sobre a demanda e oferta por cada rota do transporte.

- Quanto ao uniforme escolar confirmou haver atrasos de entrega do mesmo pelo facto dos seus fornecedores estarem a atrasar: as camisolas tardam chegar por problemas de “transportação de Portugal para cá; e os calções, as saias ou calças por diversos problemas relacionados com os fornecedores locais. No entanto, assumiu, em nome da Direcção do Colégio, todos os constrangimentos que advêm deste atraso, pelo que, promete o mais rápido possível resolver a questão.

- No que tange aos passes escolares disse que estes foram elaborados ao mesmo tempo em que realizavam as reconfirmações das matrículas. O que não se fez era a distribuição das mesmas antes do início das aulas. E aos alunos que não os dispõem pediu calma aos pais, pois que a equipa de emissão dos passes juntamente com a Secretaria estão a resolver paulatinamente o problema a custo zero para o encarregado.

- Falando dos horários, lembrou que as aulas no período matinal começam as sete (7) horas e trinta (30) minutos com o término as 12 (doze) horas e trinta e cinco (35) minutos; ao passo que no período vespertino estas começam as treze (13) horas e findam as 17 (dezasete) horas e trinta (30) minutos. Em cada período dá-se uma tolerância de quinze (15) minutos, que o Colégio prolongou até trinta (30) por inúmeras vicissitudes já conhecidas da nossa urbe e do seu povo. Os motoristas dos autocarros estão sensibilizados dos horários e, pensa, estes estarem a cumprir com os seus deveres. O que, certas vezes, acontece é que os educandos se distraem nas escadas, nos corredores e no pátio em saudações e conversas com os seus colegas ou, as vezes, nos quartos de banho a fim de fazer esta ou aquela necessidade acabando por atrasar, atribuindo a culpa aos motoristas que partem minutos antes das horas previstas, disse.

## COLÉGIO PADRE BUILU

(Fé e Ciência)

ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DO 1.º CICLO  
CABINDA – ANGOLA

- Quanto a sala de leituras e fornecimento de material didáctico para os alunos, o director disse ser também preocupação do Colégio. Por este facto anunciou que o Colégio está, desde já, a reservar alguns espaços, por exemplo as últimas três (3) salas do rés-do-chão, por detrás dos Serviços Administrativos da Direcção. Numa delas pensa-se funcionar a sala de leituras, noutra o laboratório e, por fim caso as possibilidades permitirem, a sala de informática. Também tem sido preocupação do Colégio adquirir livros e outros meios didácticos para os alunos. Mas, como sabeis, os livros do ensino primário, de 1ª a 6ª classe, não são permitidos a sua comercialização, observou. Isto obriga a instituição esperar pela distribuição gratuita da Secretaria Provincial de Educação Ciência e Tecnologia de Cabinda. E esta distribuição tem sido em números exíguos que não satisfazem a demanda do Colégio, pois que a Secretaria tem de planificar para todas as escolas da província. Ao passo que os livros da 7ª, 8ª e 9ª classe podem ser comprados no mercado sem problemas. Por isso, convidou os pais e encarregados de educação de poderem adquiri-los, de especial modo os de Língua Portuguesa, Inglesa, Geografia e História, para uma boa aprendizagem e, por conseguinte, bom aproveitamento dos seus educandos.

Feita esta explanação, o director terminou dizendo que cada pai ou encarregado de educação sabe porque escolheu o colégio para o ensino e educação do seu educando. Por isso exortou que cada um fiscalizasse o seu investimento acompanhando-o milimetricamente, em termos de educação e instrução, participação e presença do educando nas aulas e tanto mais. Por outro lado, prometeu aos pais ou encarregados de educação de rever o valor por aplicar ao acréscimo dos dez por cento da propina dos alunos das classes de exame (4ª, 6ª e 9ª). E logo que encontrar consenso com a equipa directiva e o patronato, prometeu, de igual modo, comunicar por escrito o valor estabelecido.

A reunião culminou com uma oração proferida por um pai ou encarregado de educação, o senhor Simão Silvestre Chimbungo, quando eram aproximadamente dez (10) horas e cinquenta (50) minutos.

Sem mais nada a tratar, dá-se por encerrada esta acta que vai assinada pelo presidente da mesa quem também secretariou a reunião.

Colégio Padre Builu em Cabinda, 3 de Abril de 2012.

O Secretário

O Presidente de Mesa

Domingos Maria Cheze Ngimbi

## Apêndice D

**COLÉGIO PADRE BUILU**  
(FE E CIÊNCIA)  
ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO I CICLO  
CABINDA – ANGOLA

ACTA Nº 01/ ANO LECTIVO 2013

I ENCONTRO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO  
COM A COMISSÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

No passado dia TREZE do mês de ABRIL do ANO DOIS MIL E TREZE, pelas nove horas, teve início a primeira reunião da Comissão de Pais e Encarregados de Educação com a assembleia dos pais e encarregados de educação, no pátio do primeiro andar das instalações do Colégio Padre Builu. A mesma reunião foi presidida pelo senhor Domingos Quintas Tati Macaia, presidente da Comissão de pais e encarregados de educação e obedeceu a seguinte agenda de trabalhos:

1. Oração Inicial e Apresentação da Mesa;
2. Balanço das Actividades da Comissão no Ano transacto;
3. Eleição de alguns membros da Comissão;
4. Plano de Acção para o biénio 2013 – 2014;
5. Diversos (todos participantes);
6. Conclusões e Oração Final.

Após a Apresentação da Mesa e da Oração Inicial proferida por um dos pais presentes à reunião, o presidente da mesa tomou a palavra, fazendo de imediato o balanço das actividades do Ano Lectivo dois mil e doze da Comissão que dirige, concluindo que fosse débil, facto que o levou em afirmar que a Comissão fracassou nos seus propósitos. Esta conclusão deveu-se pelo simples facto da Comissão não ter funcionado com todos os seus membros: apenas três deram a sua contribuição, nomeadamente os senhores Domingos Macaia (presidente), Simão Silvestre (vice-presidente) e Casimiro Necune (vogal) que também já não tem correspondido com nenhuma chamada do grupo. Sendo assim, é óbvio que não se conclua nada programado, a não ser aquelas visitas de rotina que puderam fazer e a elaboração do Estatuto Interno sobre as Competências dos Membros da Comissão dos Pais e Encarregados de Educação.

Ao abordar o terceiro ponto da agenda, foi útil a intervenção de um dos pais que sugeriu à mesa de tecer algumas linhas sobre o papel e a importância da Comissão antes de se seguir à eleição dos restantes membros. Assim, poupando um pouco do esforço do Presidente, o Secretário da Mesa (senhor Domingos Maria Cheze Ngimbi) em resposta à esta sugestão, frisou que a Comissão é um dos parceiros directo da Direcção do Colégio e, sobretudo, porta-voz e elo de ligação entre pais e encarregados de educação com a escola em diferentes situações que achar pertinente: Ela alerta a direcção onde estiver a falhar, propõe ideias inovadoras para resolução de certas situações que possam afectar o processo ensino aprendizagem dos educandos, colabora com a instituição na implementação de certas políticas educativas, recreativas e higiénicas que achar úteis para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem e do colégio, dentre outras. O presidente, por

**COLÉGIO PADRE BUILU**  
(FE E CIÊNCIA)  
ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO I CICLO  
CABINDA – ANGOLA

sua vez, ao tomar novamente da palavra, fez questão de ler, de maneira resumida, o Estatuto Interno sobre as Competências dos Membros da Comissão dos Pais e Encarregados de Educação. Feito isto, fez-se a proposta de apresentarem-se dois membros ou mais em cada cargo que fosse anunciado. Entretanto, ninguém aparecendo voluntariamente, o presidente optou pela indicação. Assim sendo, para o cargo do Vogal o senhor Luís Clemente, para a Tesouraria a senhora Maria da Conceição Zeze, para Secretaria a senhorita Esménia Gabriela, para Higiene e Saúde o senhor Pascoal Silvestre Macosso e para o cargo de Recreio e Educação o senhor Martinho Mbungo.

Quanto ao quarto ponto, o presidente referiu antes que o plano de acção do biénio 2013 e 2014 a apresentar-se não era definitivo e acabado, mas sujeito a modificações pela assembleia caso achar pertinente. Dito isto, prosseguiu mencionado os pontos constantes deste plano, a saber:

O primeiro ponto é **Meta Zero Reprovação:** consiste em busca de soluções para aquelas crianças menos aproveitadas ou de assimilação lenta, trabalhando com os professores, pais ou encarregados de educação, a direcção e os próprios alunos. Tudo isto porque o pai ou encarregado de educação investe dinheiro, o faz para ver o seu educando transitar de classe com uma certa bagagem cultural e cheio de conhecimentos científicos e educativos. Por isso, esclareceu que não se vai dissimular resultados para que haja transições, mas vai-se trabalhar fortemente com todos os intervenientes do processo ensino aprendizagem para se alcançar bons e aceitáveis resultados.

O segundo ponto do plano é **ajudar o colégio a implementar o Ambulatório Médico.** Esta ajuda consiste em arranjar material ou meios financeiros para a concretização desta ideia. Se quer o Ambulatório no sentido de dar os primeiros socorros aos educandos deste colégio de maneira rápida e eficiente ou eficaz, não levá-los de imediato ao hospital onde, às vezes, são obrigados a esperar longos períodos de tempo para serem atendidos. Para tal, o secretário da mesa apresentou uma lista de materiais necessários por adquirir que foi lida pelo senhor Pascoal Macosso, encarregado pela Higiene e Saúde.

O terceiro e último ponto é a **quota de participação** de cada pai ou encarregado de educação deve fazer para que a Comissão possa funcionar e poder oferecer ajuda aos necessitados. Em outros termos, a quota de participação que pensa ser entre quinhentos a mil Kwanzas (500-1000 KZ), será para:

- a) Ajudar casos de extrema necessidade como por exemplo pagamento de propina de um ou outro aluno em caso este venha perder o seu tutor inesperadamente.
- b) Contribuir na implementação do Ambulatório Médico.
- c) Comprar prendas para os alunos mais aproveitados do Colégio.
- d) Participar em despesas das actividades extra-escolares onde participam alunos.

Em gesto de conclusão, voltou a afirmar que tudo que foi dito era apenas uma proposta apresentada aos pais e encarregados de educação e submetida à sua aprovação.

**COLÉGIO PADRE BUILU**  
(FE E CIÊNCIA)  
ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO I CICLO  
CABINDA – ANGOLA

Entrando no ponto quinto da agenda, diversos, alistaram-se nove pais ou encarregados de educação e intervieram na seguinte ordem:

1. Senhor Nhanha x recomenda rigor à Comissão no seio do seu trabalho e peça que repreenda, sempre que poder, aqueles pais desrespeitosos de normas cívicas, morais e profissionais. Outro sim, dá o seu voto de confiança aos membros indicados para o funcionamento adequado da Comissão de Pais e Encarregados de Educação.
2. Senhor Samuel Mendes, agradecido pela oportunidade, gostaria apenas contribuir mais na questão ligada à segurança, pedindo à Direcção do Colégio que melhore as condições com agentes que ajudam a travessia dos educandos na estrada.
3. Senhora Eugénia Mesquita, agradece o convite ao encontro por ser ocasião única para lamentar sobre a atitude do professor de Língua Portuguesa que obrigou o seu filho canhoto a escrever com a mão direita.
4. Senhor Leonardo Mack, conceituado professor desta urbe, recomenda à Comissão ora eleita maior comunicação com os pais ou encarregados de educação, com a Direcção do Colégio e vice-versa. Outro sim, peça à Direcção do Colégio em investir mais sobre a segurança.
5. Senhora Lúcia de Oliveira recomenda que os membros da Comissão eleita fossem de educandos não pertencentes às últimas classes leccionadas no Colégio. Também é de opinião que a Comissão fixe uma quota de comparticipação para a compra do material para a implementação do Ambulatório Médico.
6. Senhora Relves Bula, nova na instituição, procurou saber da existência do uniforme, extintores e de enfermeiros para o Ambulatório Médio, tal como a data do arranque desta tão importante área.
7. Senhor António Cunha, preocupado pela segurança dos alunos fora do recinto escolar, peça à Direcção do Colégio de procurar quebra molas para obrigar os motoristas a abrandarem a sua velocidade nas proximidades do Colégio. Outro sim, uma colaboração da Direcção do Colégio no que toca à aquisição de livros e revendê-los a preços módicos aos pais ou encarregados de educação.
8. Senhora Sara Sónia, também preocupado pela segurança dos educandos fora do recinto escolar, pede maior colaboração da Direcção do Colégio quanto aos meninos que vão ao pátio dos transportes. Por outro lado, recomenda a todos pais e encarregados de educação de velarem mais pela educação dos filhos ou educandos para que se evitem casos de furtos e ofensas corporais e até morais no seio da escola.
9. E finalmente, Senhor Samuel Nguvulo recomenda à Direcção do Colégio, em caso de repreensão, de não mandar os alunos a limparem as casas de banho por estes não saberem se prevenir suficientemente contra as enfermidades que possam contrair. Por isso, recomenda à instituição de encontrar pessoas idóneas para tratarem das casas de banho.

## COLGIO PADRE BUILU

(Fé e Ciência)

## ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDARIO DO I CICLO

## CABINDA-ANGOLA

## 1ª REUNIÃO DA DIREÇÃO COM OS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.

## ATA Nº01/2013

No dia 23 de Março de dois mil e catorze tive o privilégio de estar presente em uma reunião da escola com os pais e encarregados e fui tirando nota das falas dos participantes.

Ao iniciar a reunião o diretor da escola, faz uma chamada de atenção aos pais e encarregados que prestem mais atenção aos seus educandos no que diz respeito a educação. Ele pede aos pais, que colaborem com a escola, enfatiza que a escola deve trabalhar em colaboração com a família. Continua dizendo que se a família não o fizer a escola por si só não conseguirá dar conta do recado.

Desperta também aqueles pais não conhecem os professores dos seus filhos, pois o primeiro trimestre está a terminar e muitos ainda não vieram a escola.

O diretor administrativo toma a palavra e começa por lamentar a infidelidade de encarregados que ainda não fizeram o pagamento da mensalidade do primeiro trimestre. Estão sendo infiéis! O pagamento deve ser em Kwanzas e não em Dólares Americanos e é fruto da reunião passada por orientação do Ministro da Educação. Ele continua: independentemente de ser uma escola privada, os valores de alguns serviços dependem do Ministério da educação tais como: Certificado de habilitações, declaração com notas, transferência, folhas de justificação de faltas.

Retomando a palavra, o diretor informa aos encarregados que tem alunos que não assistem as aulas, algumas ficam nos banheiros ou na cantina. Existem pais que atrasam em deixar os seus educandos na escola. Estas faltas devem ser

justificadas! Pois, as mesmas podem levar os meninos a reprovação ainda no primeiro trimestre.

Quanto as promessas do ano passado, que é a questão da livraria digo que está sendo feita de igual modo a sala de leitura e informática, as obras estão no fim.

Quanto aos encarregados que cumprirem com o pagamento antepadamente que têm mais de três filhos nesta escola, a escola promete subsidiar com um par de uniforme.

#### Intervenção dos pais/encarregados

A primeira interveniente, a senhora Zulmira, começa por agradecer a escola pelo fato da escola ser sempre prestativa e atenciosa com ela. – Sempre que faço uma queixa com relação a certos professores que não têm cumprido com os seus deveres a direção me ouve. Quanto as tarefas de casa, eu sempre tenho o cuidado de controlar os cadernos do meu filho e ajudo-o a resolver e este ano ele tem uma boa professora. Ela continua: lamento apenas a sala do meu filho, é muito quente, tem pouca ventilação.

O segundo elemento foi o senhor Pascoal Macosso que disse o seguinte: Pais que trazem os seus filhos atrasados devem ser sancionados! A tolerância é de dez minutos! O problema pode ser resolvido se tivermos vontade de se levantar cedo. Pois, tudo que semearmos com sacrifício havemos de valorizar. Dando sequência: em Luanda por exemplo (capital de Angola) levanta-se cedo para se ir ao trabalho devido ao congestionamento constante. Eu tenho boas referências deste Colégio e sugiro que se crie um instituto médio mas com cursos técnicos. Segundo o mesmo lamenta pelo fato de ter seus filhos a frequentarem o médio em outras escolas visto terem passado por esta escola e observou que está contem bases suficientes em todos os sentidos para a formação dos seus, ele diz que não se sente à vontade tê-los lá, o ambiente não é adequado.

O senhor José Augusto, agradece e fortifica a direção no sentido que os encarregados estão dispostos a colaborarem com a escola. Apenas lamenta as

condições das salas de aula se ventilação, segundo o mesmo os ar condicionados não suportam o espaço.

Ao passo que o senhor João Zango começa a sua intervenção pedindo a direção que monte um terminal eletrônico para pagamento das mensalidades. \_\_\_ Muitos de nós não temos tempo de vir cá a escola ou suportar a fila dos bancos devido as ocupações do dia- dia.

Acerca do comportamento de muitos encarregados ele sugere a direção que crie um plano para sancionar os que não cumprem com os deveres da escola. O mesmo nota que os ajudantes do transporte escolar não têm ajudado no enquadramento das crianças nos autocarros. Eu nem sempre estou em Cabinda e a minha mulher trabalha. O meu menino, é preparado pelo seu irmão e, por vezes esquece de colocar o passe do autocarro na mochila do irmão e, quando chega o autocarro não o deixam subir. Isto é absurdo.

Dando sequência, entrevistou o senhor Rafael Quitambo com a seguinte explanação: desde a fundação deste colégio, ele sempre esteve aberto a sugestões e queixas dos encarregados; O Colégio nunca fechou as portas aos encarregados.

Raul Dola, lamenta o comportamento de professores que levam os problemas de casa para a sala de aula, professor que dita a tarefa mas não orienta como deve ser feita porque estava nervoso. Ainda tendo posse da palavra questiona a direção qual ser a razão que a mesma não convoca os pais na primeira semana de aulas ao em vez de fazê-lo depois de cobrar as mensalidades. Ele continua: quero saber o número de faltas que levam um aluno a reprovar? Será que a direção tem o controle do encarregados que fazem um pagamento anual? A escola deve supervisionar.

Tomando posse da palavra por indicação do secretário da mesa, o senhor Arão Bula diz que não entende como está a funcionar o sistema do Colégio, alega que não há razão para que se pague as propinas nos Bancos.

\_\_\_ O Colégio deve ter a capacidade de colocar alguém para receber o dinheiro na escola. \_\_\_ Nós encarregados, temos feito um grande sacrifício porque se assim não

fosse, a escola que ontem era um cantinho, umas salinhas, hoje não estaria assim com três andares. \_\_\_ Se os encarregados não pagassem hoje a escola não seria um edifício, tanto que já deveriam preparar ou ter um pátio para educação física ao em vez de dependerem de outros lugares para o efeito.

Senhor Ferráz Maquiesse por sua vez gostaria de saber quais os critérios a escola utilizar para supervisionar os seus professores e sugere que nem sempre os mesmos deveriam ser comunicados.

Já o senhor Gabriel Buza diz que a reunião dos pais encarregados com a direção é nada mais que o espaço onde os mesmos têm para expor as suas inquietações. \_\_\_ mesmo que eu pago o transporte, de quando em vez eu venho a escola para saber como ou o que se passa na escola.

José Manuel fecha este leque de intervenções dos encarregados querendo saber se a escola possui um posto médico, pois alega ter aderido a este Colégio este ano.

Terminada as intervenções dos encarregados deu-se sequencia as mesmas mas desta feita os professores tomaram palavra.

Deu o ponta pé de saída para este conjunto a professora Maria Bety com as seguintes palavras: Triste é ver na minha sala alunos que ainda comparecem sem caderno e sem lápis sem a tarefa feita. \_\_\_Existem encarregados que não aparecem, colocam os filhos no portão e vão-se embora, outros ainda que se chateiam ao ver um professor que não seja do seu filho a repreender o mesmo. A mesma pede aos pais encarregados que não se limitem a criticar os professores mas também que elogiem.

Via Gime foi o segundo e último professor a intervir aconselhando, aos encarregados a não se limitarem a certas informações que os alunos levam para a escola e nem antecipam a irem ter em primeira mão com a direção no caso de haver uma situação com o seu educando. Pois segundo ele, o aluno tem duas faces, uma de casa e outra da escola. Se o encarregado chegar antes ao professor antes de ir ter a direção no caso de uma situação facilita a resolução do problema

e juntos pai e professor terão uma visão mais clara do problema e do aluno – educando.

A direção mais uma vez toma a palavra e diz o seguinte:

\_\_ É verdade que o Colégio é tudo quanto vocês acabam de dizer, mas também temos algo de bom! Como a professora Bety acabou de dizer, verdade que temos falhas, mas vocês também tendes as vossas falhas.

\_\_ Vocês querem saber como garantimos a supervisão dos professores? Temos os seminários de capacitação. O ano passado assistimos as aulas dos professores. Ele continua a sua fala: Há problemas aqui apresentados que poderiam ser resolvidos logo no momento que aconteceram sem esperar esta reunião. Mas os pais não aparecem e reclamam. Da como exemplo de pais que levam os filhos atrasados a escola e, no outro dia já não conseguem entrar e abandonam os filhos no portão e vão-se embora. A direção alega existir pais que são convocados por mau comportamento dos filhos e estes por sua vez dão desculpas que nada sabem, outros dizem não ter tempo, os outros prometem comparecer mas não cumprem com o compromisso.

Quanto a reclamação das propinas no início das aulas a escola contra ataca dizendo que cada encarregado no início das aulas assina o termo de responsabilidade e sabe que deve pagar as mensalidades a tempo e hora. Reclamam a interpelação do filho no autocarro? \_\_ quanto a isso, o pai deveria ter vindo logo no momento que isto aconteceu e agora o que fazer?

Tendo ainda posse da palavra o diretor chama atenção dos encarregados a não contribuírem para a educação das crianças. \_\_ Como as algumas alunas saírem de casa de saias curtas? Não saíram de casa? Os pais não viram? Para vermos que certos comportamentos saem de casa. Quanto ao atraso da reunião deve-se ao estado de saúde débil do sócio majoritário.

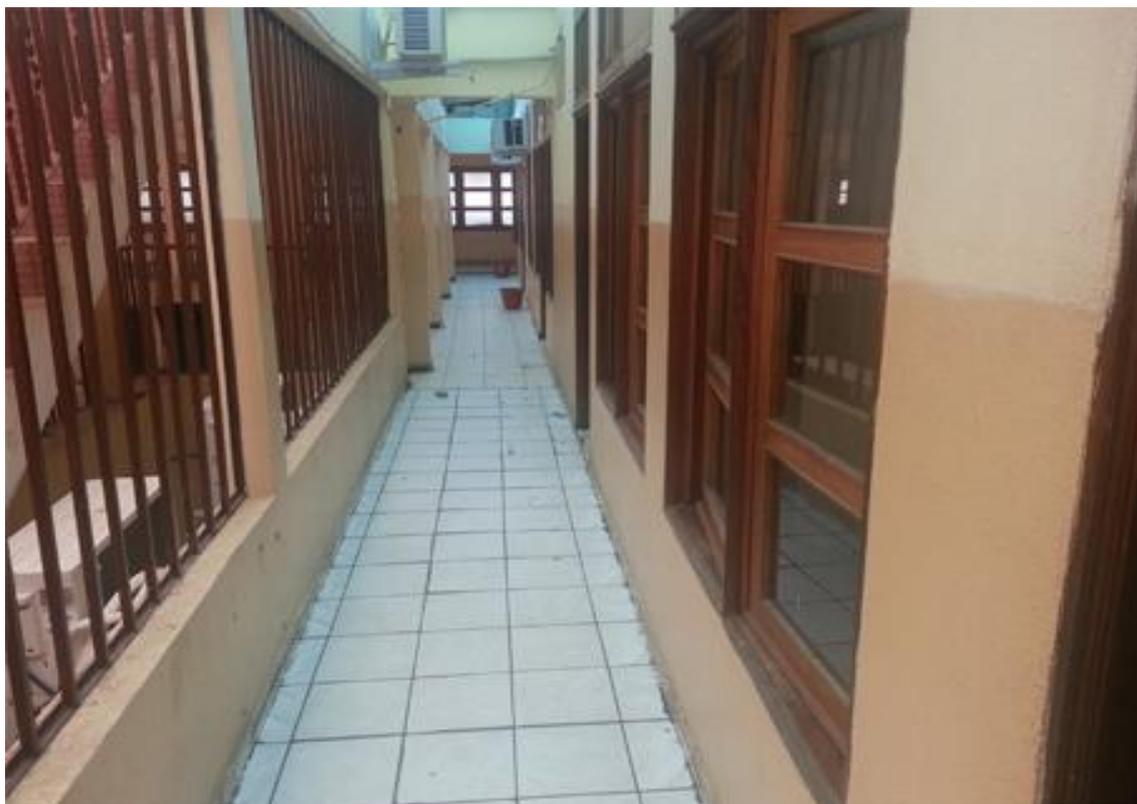
No final toma a palavra o padre Gime que muito insatisfeito com as explicações de alguns encarregados começa por responder ao que chamou a escola de candongueiros. \_\_ Chama-nos de candongueiros por cobrarmos dinheiro para

alguns documentos da escola? Estou desapontado com esta afirmação pois, tudo o que a escola faz é para o bem de todos.

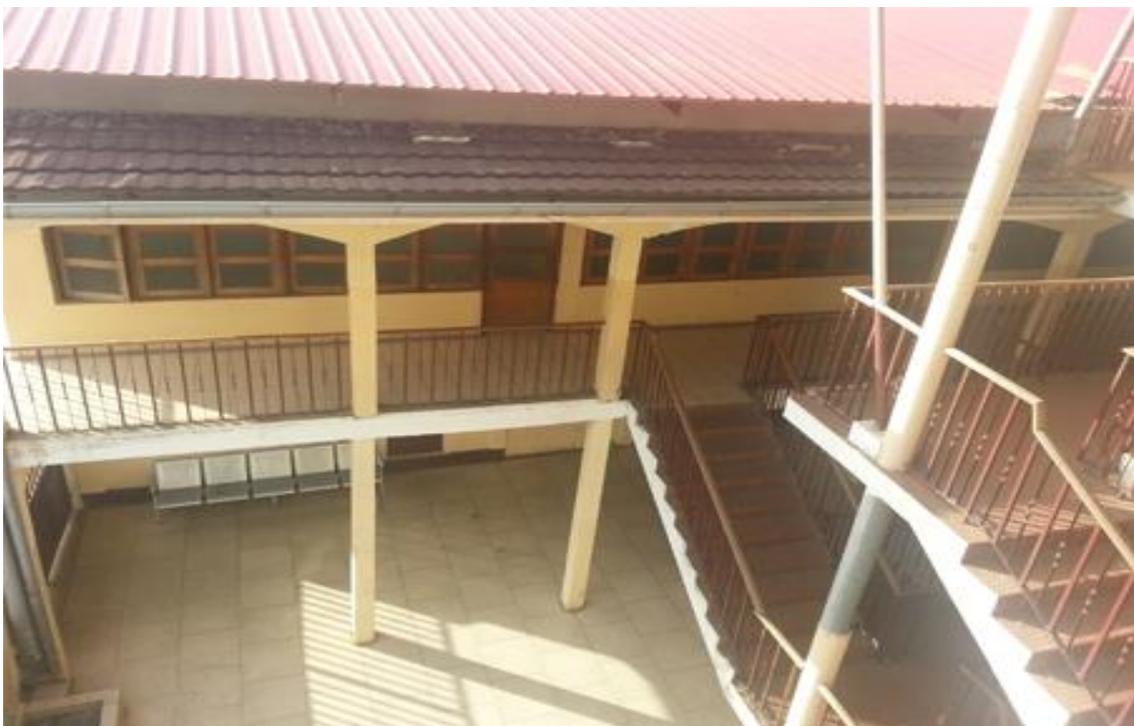
Chamou a atenção daqueles encarregados que só comparecem a escola no final do ano letivo para ver as pautas e alguns até não conhecem a classe em que seu educando se encontra. Segundo ele, a escola não oferece uniforme curto, isto tem a ver com os hábitos e costumes de casa \_\_\_ vossos filhos apanham maus hábitos lá em casa e querem que a escola os corta? E quando convocamos os encarregados estes por sua vez dizem não ter tempo. Então digam-nos quem vai intervir no desenvolvimento do teu investimento.

Caros pais esta escola é nossa venham sempre que quiserem supervisionar o trabalho do diretor, do professor porque o pai/encarregado é o primeiro supervisor, vem sempre quem sabe, podes apanhar o professor em flagrante. Mas uma coisa vos digo se o pai atrasar com a mensalidade, prejudica o professor. Terminou assim o padre Gime com o seu discurso.

**FIGURA Nº 4 FOTOS DA ESCOLA****Nº 2 SALA DE AULA****FIGURA Nº 5 - PÁTIO**

**FIGURA Nº 6 - CORREDOR****FIGURA Nº 7- VISTA PELO 1º ANDAR**

**FIGURA Nº 8 - VISTA DA ESCOLA PELO SEGUDO ANDAR**



**FIGURA Nº 9 - PATIO COM VITRINA DOS ALUNOS**

